

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

LIDIANE DE LIMA SOUZA MILAGRES

**Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua
Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA
da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES**

**São Mateus
2015**

LIDIANE DE LIMA SOUZA MILAGRES

Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES

Dissertação apresentada à Faculdade Vale do Cricaré para obtenção do título de Mestre Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Orientadora Prof^a Dr^a Sônia Maria da Costa Barreto

SÃO MATEUS

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus - ES

M637i

MILAGRES, Lidiane de Lima Souza.

Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES. / Lidiane de Lima Souza Milagres – São Mateus - ES, 2015.

110f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2015.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Sônia Maria da Costa Barreto.

1. Linguagem Virtual. 2. Língua Portuguesa – Norma Culta. 3. Comunicação. 4. Escrita. I. Título.

CDD: 372.6

LIDIANE DE LIMA SOUZA MILAGRES

**INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM VIRTUAL NA NORMA PADRÃO
DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS 3^{OS} ANOS DO ENSINO MÉDIO
REGULAR E 3ª ETAPA EJA DA EEEFM "PRIMO BITTI" –
ARACRUZ/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 09 de Dezembro de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª SÔNIA MARIA DA COSTA BARRETO
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Prof. Dr. EDMAR REIS THIENGO
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. SEBASTIÃO PIMENTEL FRANCO
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

À minha família, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todas as coisas e mantenedor da vida. A Ele toda honra e glória!

Ao meu amado esposo Leonardo, maior incentivador.

Aos meus filhos, Maria Célia e Moisés, maiores inspirações, responsáveis pela minha perseverança.

Aos meus pais Nilson e Gláucia, amantes e apoiadores incondicionais.

Aos meus sogros Renato e Mariangela, colaboradores e encorajadores sempre.

Às minhas irmãs Glaucieny e Nilcilaine, ao meu lado em todo tempo.

À minha irmã Talita e à Jhuly, minha prima-irmã, auxílios certos todas as vezes que precisei.

À minha amiga Aris, sempre com as palavras certas.

À querida Professora Doutora Sônia, atenciosa em todo tempo.

“Mesmo onde há ouro e rubis em grande quantidade, os lábios que transmitem conhecimento são uma rara preciosidade.”

Provérbios de Salomão 20.15

RESUMO

MILAGRES, L. L. S. **Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES** 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus, 2015.

Palavras-chave: Linguagem Virtual, Escrita, Comunicação, Norma Culta.

O presente estudo objetivou investigar a influência da linguagem virtual na norma culta da Língua Portuguesa em atividades escolares dos alunos dos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e da 3^a Etapa EJA (Educação de Jovens e Adultos) da EEEFM “Primo Bitti” em Aracruz, ES. Para fundamentar a pesquisa levantamos uma literatura acerca do tema contemplando a comunicação humana, a linguagem virtual, o município de localização da escola e a própria escola. Como metodologia, utilizamos um estudo de caso com análise qualitativa e envolveu alunos e professores de Língua Portuguesa. Utilizamos questionário para conhecer os sujeitos da pesquisa e entender a abrangência da linguagem virtual em seu cotidiano. Foram propostas atividades aos alunos as quais quando analisadas indicaram a utilização sutil da linguagem virtual demonstrando que, em sua maioria, os estudantes sabem se adequar às diversas situações comunicativas que exigem a escrita.

ABSTRACT

MILAGRES, L. L. S. Influence of virtual language on the Standard Portuguese Language in the 3rd year of high school and 3rd stage of the EJA from EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus, 2015.

Key words: Virtual Language, Writing, Communication, Standard Language.

This present study had as objective to investigate the influence of virtual language on the Standard Portuguese Language in school activities done by students enrolled in the third year of high school and in the third stage of the EJA (Young Adults Education program) from EEEFM “Primo Bitti” in Aracruz, ES. To support our research, we collected data from specialized literature contemplating human communication, virtual language, the city where the school is localized and the school itself. As methodology, we use a case study with qualitative analysis and involved students and Portuguese teachers. We used a questionnaire to know the research subjects and to understand the comprehensiveness of virtual language in their everyday lives. We proposed activities to the students, which when analyzed showed the subtle use of virtual language, demonstrating that most of the students know how to adequate themselves to various communicative situations that demand standard writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Propaganda de uma loja recebida por e-mail.....	41
Figura 2 – Foto panorâmica por satélite do Bairro Coqueiral	57
Figura 3 – Foto da EPSG “Coqueiral” em setembro de 1992.....	59
Figura 4 – Foto das dependências internas da EPSG “Coqueiral” em agosto de 1993	60
Figura 5 – Fachada da EPSG “Coqueiral” em construção em agosto de 1994.....	61
Figura 6 – Trecho 1 da reprodução de um vídeo em forma escrita.....	91
Figura 7 – Trecho 2 da reprodução de um vídeo em forma escrita.....	91
Figura 8 – Produção 1 de uma Carta a um Amigo	92
Figura 9 – Produção 2 de uma Carta a um Amigo	93
Figura 10 – Produção 3 de uma Carta a um Amigo	94
Figura 11 – Produção 4 de uma Carta a um Amigo	95
Figura 12 – Produção 5 de uma Carta a um Amigo	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Localização domiciliar dos alunos dos 3 ^{os} Anos do Ensino Regular e 3 ^a etapa EJA.....	72
Gráfico 2 – Posse e utilização de redes sociais veiculadas pela <i>internet</i>	74
Gráfico 3 – Posse e utilização de Aplicativos de Relacionamento veiculado pela <i>internet</i>	74
Gráfico 4 – Idade dos alunos dos 3 ^{os} anos do Ensino Regular e 3 ^a etapa EJA	75
Gráfico 5 – Quantidade de alunos que trabalham de forma remunerada.....	76
Gráfico 6 – Tipo de comunicação mais utilizada pelos alunos	79
Gráfico 7 – Comunicação Virtual por meio da linguagem virtual como auxílio nas atividades escolares.....	80
Gráfico 8 – Opinião dos alunos sobre a Comunicação Virtual por meio da linguagem virtual	81
Gráfico 9 – Tempo diário da utilização da Comunicação Virtual pelos alunos envolvidos na pesquisa	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Empresas e Empregos nos Principais Setores de Atividade do Município de Aracruz.....	53
Tabela 2 - Currículo e Carga Horária dos 3 ^{os} Anos Regulares e 3 ^a etapa EJA.....	69
Tabela 3 - Respostas das Professoras envolvidas na Pesquisa.....	77

LISTA DE SIGLAS

D.O. – Diário Oficial

DT – Designação Temporária

EEEFM – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMR – Ensino Médio Regular

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EPGS – Escola de Primeiro e Segundo Graus

FAACZ – Faculdade de Aracruz

FACE – Faculdade Casa do Estudante

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFES – Instituto Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ENTENDENDO A COMUNICAÇÃO HUMANA	17
1.1 Um breve relato histórico.....	18
1.2 Tipos de Comunicação.....	22
1.2.1 Comunicação Verbal	22
1.2.2 Comunicação Virtual	25
1.2.3 Língua-Padrão Nacional.....	29
1.3 Signos e Significações	34
2 O USO DA LINGUAGEM VIRTUAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES	39
3 PERCURSO METODOLÓGICO	46
3.1 O Desenvolvimento da pesquisa.....	49
4 ARACRUZ E SUA RELEVÂNCIA	50
4.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti”	55
4.1.1 Linha do Tempo da EEEFM “Primo Bitti”	58
4.1.2 Aspectos Gerais	62
4.1.3 O Público.....	65
4.1.4 Aspectos Pedagógicos.....	66
4.1.5 O Currículo e a Carga Horária.....	68
4.1.6 Os Professores.....	70
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	71
5.1 Perfil dos colaboradores da Pesquisa	71
5.1.1 Perfil dos alunos dos 3 ^{os} Anos do EMR e 3 ^a Etapa EJA	71
5.1.2 Perfil dos Professores de Língua Portuguesa que atuam nos 3 ^{os} Anos do EMR e 3 ^a Etapa EJA	77
5.2 Linguagem Virtual: Utilização e Opinião.....	78
5.2.1 Dos alunos envolvidos na Pesquisa.....	78
5.2.2 A visão dos Professores de Língua Portuguesa e o uso da linguagem virtual em atividades escolares	83
5.3 Análise das atividades escolares	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	104

INTRODUÇÃO

Todos nós temos a necessidade de nos comunicar, independente da forma como esta comunicação é estabelecida. A língua, por sua vez, é uma das formas peculiares que nós, seres humanos, desenvolvemos para a interação social.

Ela, no entanto, é viva, e se modifica continuamente, sendo ampliada na medida em que neologismos, expressões, gírias e jargões vão surgindo. Isso se dá por muitos motivos, dentre os quais podemos citar a crescente evolução humana, a separação de grupos sociais, os regionalismos, as linguagens específicas de cada profissão, o avanço da idade ou pouca idade e a influência da tecnologia.

Quando falamos em tecnologia, pensamos rapidamente nos avanços da informática, e na maravilha que é estarmos conectados ao mundo todo por meio da *internet*. A linguagem virtual, portanto, tem ocupado lugar considerável na formação cognitiva das atuais gerações, pois está presente ativamente na formação destes.

Há algumas décadas atrás, poucas pessoas tinham contato com a informática ou outra tecnologia que possibilitasse o acesso à *internet*, pois este se dava apenas por computador. Hoje a realidade é bem diferente. Muitos celulares fazem o papel de computadores, por preços considerados acessíveis. Não podemos deixar de mencionar os chamados *tablets*, que também exercem funções similares. O que se observa é que os jovens, independente da classe econômica, fazem uso de alguma tecnologia com acesso a *internet*.

Na contemporaneidade, crianças e adolescentes têm contato com a informática muito cedo, e, muitos deles, aprenderam a manusear o computador antes de serem alfabetizados e utilizarem a língua materna na forma escrita.

Neste viés, o foco de nossa pesquisa é a influência da linguagem virtual na linguagem escrita, uma vez que esta tem se aproximado e se infiltrado na

Língua Portuguesa de forma natural e, às vezes, até imperceptível, por aqueles que estão em contato direto e constante com ela.

A crescente utilização de recursos tecnológicos que as gerações atuais tem se apropriado e dominado permite que a comunicação se amplie por meio da *internet*, mais especificamente mediante às redes sociais e aplicativos de relacionamento em celulares, pois nestes ambientes virtuais a linguagem é dinâmica, instantânea e por isso, exige agilidade ao escrever e sustentar a conversa.

A frequência com que a linguagem virtual é utilizada pode acarretar o seu uso indevido em textos de caráter formal, nos quais é admitida a norma culta da Língua Portuguesa, sejam ou não em ambiente virtual. Isso pode resultar na construção de textos desconexos, coloquiais e incongruentes. Por este motivo, inquieta-nos uma preocupação como educador, e assim surge a seguinte problemática: Qual influência da linguagem virtual em atividades escolares dos alunos dos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e os da 3^a Etapa da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti” no município de Aracruz/ES?

O espaço de conversa informal, por ser tão habitual, acaba ultrapassando a fronteira entre a conversa virtual e as atividades escolares, o que pode acarretar no prejuízo da qualidade textual, já que esta linguagem é caracterizada pela rapidez, economia de tempo e redução de esforços da escrita. Assim, no ambiente escolar, nas atividades em que deveria ser aplicada a norma culta da Língua Portuguesa, muitas vezes, até mesmo sem perceber, o aluno faz o uso da linguagem virtual. Por este motivo então, apontamos como objetivo geral da pesquisa:

- Investigar a influência da linguagem virtual em atividades escolares realizadas por estudantes das terceiras séries regulares e EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti” no município de Aracruz/ES.

E como objetivos específicos:

- Pesquisar o histórico da comunicação humana e das redes de comunicação no Brasil;
- Apresentar os atores envolvidos na pesquisa, bem como a escola em questão;
- Verificar a percepção dos professores de Língua Portuguesa sobre o uso da linguagem virtual em atividades escolares;
- Comparar o emprego da linguagem virtual em atividades escolares por alunos de 3º ano da modalidade EJA e do Ensino Regular da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti”.

A língua, por ser viva, se molda pela sociedade que a utiliza, portanto, ela também é de caráter social, pois reflete na forma escrita a forma falada de um determinado grupo. A forma escrita da língua confere a sociedade sua identidade e seu momento histórico. O português que falamos hoje se difere do português de um século atrás, como também, não muito longe, de uma década atrás. Assim como a sociedade se modifica com a construção de sua história, a língua também sofre transformação, pois está diretamente vinculada a esta sociedade. Entendemos que é esta a principal razão da disseminação da linguagem virtual, já que a sociedade está cada vez mais íntima da tecnologia.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa se justifica uma vez que as redes sociais apresentam uma série de questões que parecem ser primordiais à juventude, como construir amizades compartilhar informações, identificar interesses comuns, entre outros. A conversa com os amigos por meio de mensagens virtuais, no entanto, ganhou espaço no cotidiano, e, neste ambiente, a preocupação com a norma culta da Língua Portuguesa não é relevante, já que se trata de uma conversa informal, cotidiana, carregada de expressões características da fala, que é viva e impregnada da personalidade de quem a utiliza. Desta forma, então, a linguagem virtual vem ascendendo sobre a língua materna.

Assim, este trabalho foi embasado por alguns renomados teóricos, tais quais Santaella, Faraco, Bagno e Souza dentre tantos outros que contribuiram para fundamentar este estudo, estruturado em cinco capítulos, os quais serão descritos a seguir.

O primeiro capítulo descreve um breve histórico da evolução da comunicação humana, os tipos de comunicação verbal, virtual e padrão da Língua Portuguesa, bem como uma definição de signos e significações.

No segundo capítulo, abordaremos a utilização da linguagem virtual em meio ao cotidiano dos jovens e a interferência que ela exerce em textos escritos fora do ambiente virtual.

O terceiro capítulo trata da metodologia utilizada para a construção da pesquisa. Utilizamos trabalhos publicados em forma de livros e artigos, os quais nos respaldaram teoricamente quanto ao tema. Utilizaremos também a pesquisa-ação, uma vez que participaremos ativamente de todo o processo de coleta de dados junto aos alunos e professores.

O quarto capítulo nos permite conhecer um pouco sobre o Município de Aracruz e do bairro Coqueiral de Aracruz, local onde situa-se a EEEFM “Primo Bitti”, como também a história desta escola. Registramos também o perfil dos alunos dos 3^{os} Anos do EMR (Ensino Médio Regular) e os da 3^a Etapa da Modalidade EJA e dos professores que atuam nestas turmas com disciplina de Língua Portuguesa.

Por fim, apresentaremos os resultados obtidos que circundam em torno da utilização da linguagem virtual nas atividades propostas aos alunos envolvidos na pesquisa e as considerações finais.

1 ENTENDENDO A COMUNICAÇÃO HUMANA

A espécie humana tem a capacidade de se comunicar de diversas formas. A fala e a escrita, portanto, são especificidades que o homem adquiriu que o permitem interagir em sociedade de forma abrangente e eficaz.

Mas o que é comunicação? Como ela acontece? Como e quando surgiu? Para começarmos, vamos entender a palavra comunicação por meio de sua etimologia. Comunicação veio da palavra em latim *communicatio*, que infere o significado de “ato de repartir”, “de distribuir”. Esmiuçando ainda mais a palavra, podemos ver que seu radical vem da palavra *communis*, que semanticamente significa “tornar comum”, “compartilhar”. Observamos também que a palavra “comunidade” provém deste mesmo radical, concretizando o vínculo que há entre estes dois vocábulos. Considerando a herança de significados da palavra, vejamos algumas definições de comunicação.

No dicionário, Rocha (1996, p.154) define comunicação como “[...] ato de comunicar, informação, aviso.” Trigueiro (2001), por sua vez, define que “[...] comunicação é um processo que viabiliza a troca de mensagens entre pessoas.”

Fazendo um paralelo entre a etimologia da palavra e seu significado, percebemos que “comunicação” traz uma carga muito abrangente de significados. Além de ser a socialização uma mensagem, a comunicação só se concretiza se aqueles que estão envolvidos no processo comunicativo compreendem mutuamente esta mensagem. Não há comunicação sem compreensão.

Por este motivo, várias são as teorias de comunicação, segundo Ferdinand Saussure, Roman Jakobson, Santo Agostinho, Hjelmslev, renomados estudiosos que trataram do tema incansavelmente e eternizaram seus nomes quando falamos de comunicação, linguagem, língua, linguística e fala. Aqui, portanto, faremos menção à teoria da comunicação defendida por Jakobson (2001, p.19)

O instrumento principal da comunicação é a linguagem. [...] Analisemos os fatores principais da comunicação: qualquer ato de fala envolve uma mensagem e quatro elementos que lhe são conexos: o emissor, o receptor, o tema da mensagem e o código utilizado. A relação entre esses quatro elementos é variável.

Para que a comunicação aconteça é preciso que os protagonistas do processo comunicativo – o emissor e o receptor, compreendam o código para que a mensagem seja transmitida satisfatoriamente, como afirma Jakobson, 2001, p.23:

Um processo de comunicação normal opera com um codificador e um decodificador. O decodificador recebe a mensagem. Conhece o código. A mensagem é nova pra ele e, por via do código, ele a interpreta. É a partir do código que o receptor compreende a mensagem.

Um exemplo simples e concreto é a nossa Língua Portuguesa. Ela é o código que estamos utilizando. O receptor, neste caso o leitor, compreende o que está lendo por conhecer e dominar o código. Também um interprete de libras codifica a língua pretendida para que o receptor, o surdo, decodifique e compreenda a mensagem. A seguir, estaremos apresentando como surgiu a comunicação humana.

1.1 UM BREVE RELATO HISTÓRICO

Na perspectiva da evolução humana, já que esta defende que o homem se desenvolveu gradativamente com o passar dos anos por meio das necessidades que enfrentavam, pesquisamos como e quando a humanidade começou a se comunicar. Para isso, faremos uma viagem a milhões de anos embasando-nos na obra de DeFleur e Ball-Rokeach (1993).

Existe registro da primeira espécie do homem: o *proconsul*, que data de aproximadamente 70 milhões de anos. Era um ser pequeno, parecido com um

rato, mamífero, com cinco dedos, que evoluiria para os primeiros animais que se pareceriam com macacos, neste caso, os Primatas. Eles ocupavam a região africana, provável local da origem humana.

Retrocedendo para um tempo de 5,5 milhões de anos atrás, encontram-se registros do *Australopithecus africanus*.

O australopiteco viveu entre 5,5 milhões de anos e um milhão de anos atrás e geralmente é aceito como primeiro primata que pode ser verdadeiramente classificado como homínídeo – dentro da família humana. [...] Sua maneira de comunicar-se, se houve, é totalmente desconhecida. Todavia, a capacidade do cérebro cresceu entre esses homínídeos com o passar do tempo (DEFLEUR, BALL-ROKEACH, 1993, p. 19)

Em se tratando de comunicação, no entanto, até esta fase da evolução humana não consta nenhum registro que comprove a capacidade destes seres se comunicarem efetivamente, a não ser como outro animal qualquer, os quais emitem sons, assinalam com posturas corporais o perigo, a disponibilidade de comida e disposição para acasalar. No entanto, DeFleur e Ball-Rokeach (1993) defendem que estes sons como rosnados, roncões e a linguagem corporal foram as primeiras formas da comunicação humana: a Era de símbolos e sinais, a qual será explorada posteriormente.

Há cerca de dois milhões de anos, apareceu o *Homo habilis*, o qual aproveitou suas habilidades para criar ferramentas e posteriormente o fogo. Este foi o marco para distanciar esta espécie dos demais animais. Mas ainda nesta fase não há registros da comunicação que porventura eles pudessem ter embora compreende-se que havia uma comunicação primitiva entre eles.

Com o cérebro ainda mais aumentado, cerca de 1,6 milhões de anos atrás, há o registro de outro homínídeo, o *Homo erectus*. Neste ponto, eles já transmitiam “[...] maneiras de sobrevivência que nenhuma outra espécie dominara [...]” (DEFLEUR, BALL-ROKEACH, 1993, p. 20), porém de forma muito primitiva.

Adentramos num mundo ancestral mais próximo, entre 90.000 e 40.000 anos atrás, nos deparamos com os *Homo sapiens sapiens*. Chamados de Cro-Magnon, eles eram exímios caçadores, viviam em abrigos temporários como

também em cavernas e faziam ferramentas mais elaboradas e já tinham uma organização social. Nesta fase também eles aprenderam a conservar alimentos, a fazerem roupas, entalhar e fazer pinturas nas cavernas. Começaram também a domesticar animais, a cultivar alimentos e a utilizar metais. Mas, de acordo com DeFleur e, Ball-Rokeach (1993), o que possibilitou a sobrevivência desta espécie, foi a arte de se comunicar.

“Todavia, os significativos e cada vez mais acelerados avanços da civilização alcançados pelos *Homo sapiens sapiens* durante os últimos 40.000 anos dependeram mais de seu domínio dos sistemas de comunicação do que os materiais que fabricaram ferramentas. É o domínio dos sistemas de comunicação usados para armazenagem, troca e difusão que representa os pontos de mudança críticos da história humana até a pré-história. Foi a crescente capacidade de comunicar-se cabal e perfeitamente que levou ao desenvolvimento crescente de complexa tecnologia, e a mitos, lendas, explicações, lógica, hábitos, e às regras complexas para o comportamento que possibilitaram a comunicação (DEFLEUR, BALL-ROKEACH, 1993, p. 22).

Portanto, a evolução humana está diretamente ligada à capacidade de comunicação, que por sua vez, pode ser dividida em etapas à medida que a humanidade foi se desenvolvendo.

- Era dos Símbolos e Sinais que engloba os milhões de anos considerados na evolução humana: desde os primeiros sons e gestos dos primeiros ancestrais até quando os seres humanos ingressaram na Idade da Fala e da Linguagem, o que os transformou em *Homo sapiens*. Isso aconteceu entre 35 e 40 mil anos atrás.
- Era da Fala e da Linguagem foi a mais expressiva da evolução humana. É nesta era que os Cro-Magnon começaram a gravar representações de caça nas cavernas onde moravam, o que demonstra as primeiras transmissões de informações, comprovando que havia uma comunicação por meio da linguagem entre eles.

A capacidade de utilizar a linguagem não provocou grandes mudanças, mas certamente possibilitou à existência humana a dar gigantescos saltos para frente. Dominando os sistemas simbólicos, os indivíduos puderam classificar, abstrair, analisar, lembrar, transmitir, receber e entender mensagens bem mais extensas, complexas e sutis do que era possível com emprego de formas anteriores de comunicação (DEFLEUR, BALL-ROKEACH, 1993, p. 32).

Neste período, a comunicação por meio da fala também se desenvolvia desenfreadamente. Ainda hoje há civilizações que se comunicam apenas com a tradição oral por não serem alfabetizadas. No entanto, todos nós mantemos a oralidade, pois nos comunicamos por meio da fala em todo tempo, porém, esta oralidade ultrapassou os limites da fala e avançou para a forma escrita.

- Era da Escrita, que aconteceu há apenas 5 mil anos. Sem dúvida alguma foi uma grande passo da humanidade. Interessante é saber que a escrita se desenvolveu em lugares distintos e independentes, tendo o registro mais antigo de escrita entre os sumérios e egípcios no antigo Crescente Fértil que hoje se localizam a Turquia, Irã, Iraque e Egito.

A iniciativa de criar um pequeno símbolo para representar um determinado som fonético veio da Suméria, por volta de 1700 a.C. Cada símbolo representava uma letra ou sílaba, o que facilitou o registro das informações, que antes era representada por meio de ideias.

O uso de caracteres para representar sílabas foi o primeiro passo na criação da escrita fonética e foi um grande avanço na comunicação humana. a pessoa tinha apenas de lembrar mais ou menos uma centena de símbolos para as várias sílabas da língua (DEFLEUR, BALL-ROKEACH, 1993, p. 34).

Posteriormente, por volta de 1000 a.C. estabeleceram-se os símbolos para cada letra, firmando então a escrita alfabética.

Após o domínio da escrita, outra etapa da comunicação ganha forma, é quando aparece a Imprensa, iniciada em 1455 em Mainz, Alemanha. O primeiro livro foi produzido por uma prensa que usava tipos móveis de metal. Rapidamente se expandiu para o resto do mundo, como afirma DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p. 24): “Quase da noite para o dia a tecnologia disseminara-se para a Europa

toda. De lá partiu para as outras partes do mundo e revolucionou a maneira pela qual desenvolvemos e preservamos nossa cultura”.

- Era da Comunicação de Massa: com a invenção do rádio e da televisão para as grandes populações no século XX, esses veículos de comunicação iniciaram a grande transição que permanece e evolui até hoje.
- Era dos Computadores a qual vivenciamos hoje. Com a disseminação desta tecnologia as gerações tem modificado o mundo. Com a invenção da *internet* agregada a tecnologia da informática, a cada dia que passa novas são as invenções que circundam este meio virtual.

1.2 TIPOS DE COMUNICAÇÃO

A comunicação se dá quando os elementos envolvidos no processo comunicativo compreendem a mensagem. Por ter um caráter de comunidade e quando analisamos a palavra etimologicamente, a comunicação se divide em alguns tipos inerentes a relação entre pessoas, como: comunicação interpessoal, institucional e de massa, porém, nos limitaremos a tratar sobre os tipos de comunicação que nos interessa nesta pesquisa: a comunicação verbal, a comunicação virtual e a língua padrão nacional.

1.2.1 Comunicação Verbal

Este tipo de comunicação envolve de forma direta e/ou indiretamente todos os outros tipos de comunicação, pois envolve a língua falada ou escrita, que pode ser ouvida ou lida.

Todas as vezes que há uma comunicação por meio das palavras, trata-se de uma comunicação verbal. Muitas vezes associamos a expressão “verbal” apenas à forma escrita, no entanto, ela também pode ser oral, como afirma Pestana (2006, p.1).

Comunicação verbal é toda a comunicação que utiliza palavras ou signos. Através da comunicação verbal, simbólica e abstracta, que se faz por palavras, palavras estas, faladas ou escritas, o homem compreende e domina o mundo que o rodeia e entende, assim, os outros. A linguagem verbal possibilita a memorização de mensagens, vencendo assim as barreiras do tempo. Os sinais escritos substituem os signos vocais expressos nas palavras, a escrita é a representação dos sons articulados na fala, em forma de sinais gráficos, uma transformação da língua natural num código.

Como estamos falando de comunicação verbal, não podemos deixar de fazer uma abordagem sobre língua, já que ela é o código da nossa comunicação. Para tanto, vejamos o que Faraco e Moura (1998, p. 21), definem por língua:

A língua é um conjunto de sons e ruídos, combinados, com os quais o ser humano, o falante, transmite a outro ou outros seres humanos, o ouvinte ou ouvintes, o que está em sua mente: emoções, sentimentos, vontades, ordens, apelos, ideias, raciocínios, argumentos e combinações de tudo isso.

A língua é a linguagem por excelência, entre todas as empregadas pelo homem.

Uma língua viva pressupõe uma sociedade que a utilize. Ao mesmo tempo, num grupamento de pessoas só será uma comunidade se tiver uma língua que possibilite a comunicação entre as pessoas desse grupo.

A língua é um bem humano que dissemina a comunicação e permite o relacionamento entre as pessoas que compõem uma comunidade. Por meio da língua, as pessoas se expressam emergindo seu individualismo mais intrínseco e compreendem o meio social em que vive.

Pestana (2006) também afirma que “[...] apesar dos grandes avanços tecnológicos, a palavra continua a ser um dos meios de comunicação mais eficazes que existem.” Estas palavras são assimiladas e absorvidas por meio do entendimento prévio da língua, código da mensagem. Além de ser uma das principais responsáveis para a comunicação humana, é encarregada de trazer consigo a história da humanidade. É mediante a língua que uma comunidade pode manter ou extinguir suas tradições. É mediante a língua falada que as histórias se propagaram de geração em geração. Num tempo onde a escrita

ainda não havia sido dominadas, as lendas, mitos e ensinamentos eram perpassados apenas pela comunicação oral tendo como veículo a língua. Mais adiante, com a criação e evolução da escrita, eles foram registrados e desta forma, a história foi se construindo.

Corroboramos com Taddei (2011, p.9) quando menciona a proporção da importância da língua:

É indubitável que nossa identidade social está intimamente ligada à língua que falamos e escrevemos, com a qual lemos e contamos histórias sobre nossas origens comuns, na qual formulamos os votos de um futuro partilhado com outros tantos cidadãos, que não chegamos jamais a conhecer ao longo da vida, mas com quem dividimos, além de um vocabulário e uma particular dicção, crenças, comportamentos, hábitos, saberes, conceitos e preconceitos recorrentemente visitados pelas estratégias da memória e do esquecimento.

De acordo com Cervo (2012, p. 82) a língua é responsável pela “[...] propagação de uma cultura de grupos e comunidades [...]”, pois é a partir da língua por eles falada que seus costumes são continuados.

Podemos, neste viés, afirmar que uma comunidade peculiariza a língua, mesmo que ela seja a mesma falada em outras localidades ou não, pois deposita nela seus significados, sua cultura e transforma-a em um bem específico desta comunidade.

É inegável que a língua de um povo o aproxima, mesmo que em meio a este povo haja discursos diferentes carregados de singularidade. No Brasil falamos a Língua Portuguesa, cada região tem os seus jargões e gírias. Assim, a língua é viva e está em constante mudança.

Por ter um caráter social e até mesmo político, a língua tem o poder de elevar ou rebaixar um povo, ou até mesmo uma pessoa. Se um falante utiliza a forma padrão da língua demonstra que é conhecedor da gramática, então, conceitos são predefinidos para ele e conseqüentemente, este tem um prestígio social. Por outro lado, se um falante abre mão de utilizar a forma padrão da língua por não ser conhecedor da gramática, ou por se expressar em conformidade com o

meio social em que vive, conseqüentemente tem menor prestígio social por arraigar em sua fala o estigma de “falar errado” a língua pátria.

1.2.2 Comunicação virtual

A expressão virtual mediante ao que diz o dicionário *online* de Língua Portuguesa Michaelis (2009).

vir.tu.al

adj m+f (lat virtuale) **1** Que não existe como realidade, mas sim como potência ou faculdade. **2** Que equivale a outro, podendo fazer as vezes deste, em virtude ou atividade. **3** Que é suscetível de exercer-se embora não esteja em exercício; potencial. **4** Que não tem efeito atual. **5** Possível. **6** Diz-se do foco de um espelho ou lente, determinado pelo encontro dos prolongamentos dos raios luminosos.

De acordo com as definições para a palavra virtual, podemos dizer que a comunicação virtual é aquela que se dá por interlocutores num ambiente que não é real, tangível, concreto, mas sim abstrato, impalpável, imaterial, mas que se assemelha ao real.

Para relatarmos esta temática, a comunicação virtual, iniciaremos apresentando concisamente como os computadores e a *internet* surgiram em nossas vidas, invadindo as casas e alcançando proporções antes inimagináveis.

A construção do primeiro computador, considerado o pai dos computadores, o Harvard Mark I, ocorreu em 1944 pela International Business Machines – IBM, originário de um projeto do matemático inglês Charles Babbage, que havia apresentado, em 1833, algumas sugestões para construir uma máquina de calcular denominada de Engenho Analítico (SILVA, CASSIANI, ZEM-MASCARENHAS, 2001, p.116).

Charles Babbage, primeiro pensador das máquinas e considerado um homem além de seu tempo, pensou numa máquina que calculasse e foi feliz em seu

invento. Por este motivo ele é considerado o precursor da informática. Isso aconteceu em 1944, portanto, há 71 anos atrás.

Não muito distante deste acontecimento,

[...] o primeiro computador digital, o ENIAC, foi inaugurado em fevereiro de 1946, durante a Segunda Guerra Mundial, dentro de um programa do exército americano que procurava automatizar o cálculo de tabelas balísticas (SILVA, CASSIANI, ZEM-MASCARENHAS, 2001, p.116).

Foi a primeira geração de computadores aperfeiçoados com a dedicação de cientistas e estudiosos. Já a segunda geração de computadores é caracterizada por máquinas cem vezes mais rápidas que as primeiras. Esta geração perdurou de 1959 a 1965. Foi neste período que a *internet* alvoreceu:

A Internet nasceu de um projeto de pesquisa militar (ARPA: Advanced Research Projects Agency), no período da guerra fria, no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta. De acordo com Lima (2000), este projeto surgiu como resposta do governo americano ao lançamento do Sputnik pela ex-União Soviética. Inicialmente a idéia era conectar os mais importantes centros universitários de pesquisa americanos com o Pentágono para permitir não só a troca de informações rápidas e protegidas, mas também para instrumentalizar o país como uma tecnologia que possibilitasse a sobrevivência de canais de informação no caso de uma guerra nuclear. Os iniciadores do projeto jamais poderiam imaginar que a Internet cresceria tanto quanto hoje (OLIVEIRA, 2007, p. 39).

A *internet* surgiu de uma necessidade política, em que os Estados Unidos estava em alerta em virtude de possíveis guerras. Por isso, as informações e comunicações precisavam ser rápidas e confiáveis. Isso seria possível por meio da *internet*: uma tecnologia nova e desconhecida.

Paralelo ao surgimento da *internet*, a tecnologia da informática também foi ganhando vigor e os computadores começaram a ser difundidos e adquiridos. Foi na década de 1970 que houve a disseminação da informática, como afirmam Chiappini e Citelli (2000, p. 216):

O microcomputador surgiu em 1975 (o Altair 8800), sucedido depois pela série da Apple e PC IBM. É a partir dessas transformações que a robótica e os primeiros sistemas especialistas começam a atingir os escritórios, bancos, comércio e indústria. A Internet estava nascendo no mercado.

Geminava assim uma parceria tecnológica que vinha e vem avançando continuamente. Proveniente a esta parceria, a comunicação entre pessoas tornou-se mais abrangente. O que antes era possível mediante o contato, a proximidade física, telefone e/ou cartas, as quais demoravam para chegar ao seu destino, agora é possível em apenas um *click*. A comunicação virtual despontou e ganhou grandes proporções, dentre as quais podemos citar conversas por e-mails, por redes sociais e aplicativos de celular, todos veiculados pela *internet*. Estas conversas possuem uma linguagem mais dinâmica, ou seja – linguagem virtual.

Concordamos com Souza (2007, p. 14) quando ela expõe que

A língua é dinâmica e heterogênea e se manifesta de diversas formas de acordo com a situação comunicativa em que se encontra. A internet é um ciberespaço que tem demonstrado essa dinamicidade rompendo com determinadas regras tradicionais da norma padrão.

Por ser um espaço de conversas informais em que os interlocutores “falam” de forma recíproca, a agilidade ao escrever, a necessidade de aproximar a conversa da fala e a despreocupação de usar a forma padrão da língua, faz nascer uma linguagem virtual, com a qual a maioria dos estudantes se comunica por meio das redes sociais.

Souza (2007, p. 14) também defende que

A escrita não deve ser entendida apenas como um código, mas também como prática social, como necessária para atender à demanda vigente na sociedade. Ela é uma modalidade da língua e, como tal, deve refletir a mesma em sua dinamicidade e heterogeneidade.

A língua, por ser viva, se molda pela sociedade que a utiliza, portanto, ela é de caráter social, pois reflete na forma escrita a forma falada de um determinado grupo. A forma escrita da língua confere a sociedade sua identidade e seu momento histórico. O português que falamos hoje difere do português de um século atrás, como também, não muito longe, de uma década atrás. Assim como a sociedade se modifica com a construção de sua história, a língua também se modifica, pois está diretamente vinculada a sociedade. Entendemos que é esta a principal razão da disseminação da linguagem virtual, já que a sociedade está cada vez mais íntima da tecnologia.

É interessante mencionar que a comunicação virtual, embora seja também uma comunicação verbal por se fazer o uso de vocábulos na forma escrita, ela não prioriza a norma culta da Língua Portuguesa, antes, ela se aproxima mais da forma falada reproduzida para a forma escrita, por isso ela tende a ser simples como a língua falada e carregada da personalidade de quem fala.

Pesquisando sobre este assunto, encontramos uma estatística intrigante e relevante para explicar sobre uma conversa informal. Oliveira (2013, p.12) afirma que

[...] muitas vezes comunicamos mesmo sem palavras, através dos nossos gestos, aparência, voz, olhar. A forma como olhamos, como nos vestimos, o tom de voz que utilizamos diz mais de nós ao outro do que imaginamos.”

É indiscutível que nossas expressões falam por nós. Esta mesma autora menciona o investigador norte-americano Mehrabian (1981) o qual afirma que no ato comunicativo 55% está a cargo das expressões corporais, 38% é responsabilidade da voz e apenas 7% fica destinado às palavras (apud OLIVEIRA, 2013, p.14).

Esta estatística é importante, pois damos tanta importância para as palavras, e, de fato elas são muito importantes, mas não elevamos o mérito da voz, que expressa estas palavras por meio de entonações e pausas. Concordamos que mesmo as palavras escritas em forma de texto, trazem consigo a reprodução da expressividade da voz mediante à pontuação.

Olhando por este prisma, como seria possível comunicar-se tão expressivamente próxima da fala pelas redes sociais e aplicativos disponíveis pela *internet* lançando mão da forma escrita e da distancia física já que a compreensão da mensagem por meio de palavras tem uma pequena chance de ser compreendida (apenas 7%)? Esta resposta é simples: os mentores destas redes sociais e aplicativos elaboraram os chamados *emoticons*, os quais são pequenos desenhos que exprimem as expressões e sentimentos dos interlocutores e complementam a mensagem escrita para melhor compreensão.

Vale ressaltar que não discordamos com o uso desta linguagem virtual, no entanto, é importante discernir o momento em que esta pode ser utilizada. Em momentos descontraídos ou em conversas informais, a língua falada, geralmente, traz consigo a personalidade da pessoa que fala. Assim é também quando emprega-se a linguagem virtual em uma ciberconversa. Porém, em situações em que se prioriza a forma padrão da língua, este tipo de linguagem não é recomendável.

1.2.3 Língua-Padrão Nacional

A Língua Portuguesa é a nossa língua oficial. Quando pensamos em língua-padrão, pensamos numa língua homogênea, padronizada, em que todos a utilizam e conhecem. Faraco (2002, p. 40) nos leva a refletir sobre este tema:

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua-padrão.

A língua-padrão é a Língua Portuguesa expressa nas gramáticas, a língua que é aprendida com suas regras, a língua que é ensinada nas escolas. O seu intuito é “neutralizar a variação”, como versa Faraco. Ele afirma que a língua-

padrão é uma “norma estabilizada”, ou seja, é uma forma estável da língua, sem alterações, fixa.

A língua-padrão segue normas e regras gramaticais que são importantes para a construção de uma língua, mesmo que esta seja viva e esteja em constante mudança. Este padrão é necessário para que a língua mantenha uma ordem, mesmo que esta ordem seja seguida basicamente em textos escritos, já que a fala é individual e está carregada de fatores como idade, grupo social, regionalismos que se inserem na língua falada e, muitas vezes, que fogem às regras.

Cyranka e Scafutto (2011, p.43) defendem que “[...] língua-padrão é a denominação comum dada a um conjunto de normas linguísticas baseadas no uso consagrado dos chamados bons escritores, privilegiando, portanto, a modalidade escrita.” Esta fala, por sua vez, nos remete a pensar sobre como então surgiu a gramática e porque os escritores “bons” a utilizam.

Bagno (2004, p.15) explica que a gramática surgiu quando, numa época bem distante, os gregos, que buscavam sempre a perfeição, começaram a registrar as regras que os renomados autores clássicos empregavam em suas obras a fim de que todos os que quisessem escrever obras literárias pudessem fazer o uso delas. Assim surgiu a gramática, que, por sua vez, significa “a arte de escrever”. Daí a relação entre os “bons” escritores, que valorizam a utilização da língua-padrão e estigmatizam qualquer outra forma de expressão escrita.

Desta forma, percebemos que a gramática, tem sua origem na língua escrita, e ainda assim permanece, pois ela é priorizada nesta forma. Entretanto, a língua falada sobrepõe-se à língua escrita. Muitas pessoas falam, mas não escrevem por não serem alfabetizadas, ou por diversos outros motivos. A língua escrita surgiu anos e anos após a fala, e isso a coloca em posição secundária, uma vez que a escrita é, então, o reflexo da língua falada.

Quando as autoras supracitadas abordam os “bons escritores” que usam as “consagradas normas linguísticas”, estão confirmando a presença da língua padrão na forma escrita da língua. Imaginemos um poema clássico de Olavo Bilac, por exemplo, registrado de uma maneira coloquial. Certamente o impacto da leitura não seria o mesmo que ele pretendia expressar, uma vez que ele

tinha a língua padrão como a sua forma de expressão e inspiração. Observe alguns trechos do poema Profissão de fé de Olavo Bilac (1888), quando este se refere à forma padrão da língua:

[...]

Invejo o ourives quando escrevo:
 Limito o amor
 Com que ele, em ouro, o alto relevo
 Faz de uma flor.

[...]

Porque o escrever - tanta perícia,
 Tanta requer,
 Que ofício tal... nem há notícia
 De outro qualquer.

Assim procedo. Minha pena
 Segue esta norma,
 Por te servir, Deusa serena,
 Serena Forma!

[...]

Blasfemo> em grita surda e horrendo
 Ímpeto, o bando
 Venha dos bárbaros crescendo,
 Vociferando.

[...]

Ver esta língua, que cultivo,
 Sem ouropéis,
 Mirrada ao hálito nocivo
 Dos infiéis!..

[...]

Vive! que eu viverei servindo
 Teu culto, e, obscuro,
 Tuas custódias esculpindo
 No ouro mais puro.

Celebrarei o teu ofício
 No altar: porém,
 Se inda é pequeno o sacrifício,
 Morra eu também!

Neste poema de Olavo Bilac (1888), o eu-lírico personifica a língua exaltando-a como uma deusa. Ele diz que o ofício de escrever é como trabalhar em uma joia, trazendo à língua um valor inestimável. Ele ainda afirma que escrever usando a língua-padrão é o maior dos ofícios e chama de bárbaros e infiéis os

que não cuidam em escrever priorizando-a. Continua dizendo que a servirá enquanto estiver vivo, e que a cultuará no altar preferindo a morte do que vê-la definhando no “hálito nocivo dos infiéis”.

Não há como não associar este tema como um grave vilão chamado preconceito linguístico. Retomando a citação de Faraco já mencionada, vimos que a língua-padrão visa uma estabilidade linguística. Isso significa que tudo o que foge a esta estabilidade está “errado” de acordo com a gramática normativa. Contudo, as formas diferentes de falar, chamadas de variedades linguísticas carregam um estigma de terem um menor valor social.

Cyranka e Scafutto (2011, p.44) também consideram a língua padrão como uma variedade linguística:

A língua-padrão é, na verdade, uma variedade linguística, que vem se mantendo, ao longo dos anos, dado o prestígio que a sustenta, como um ideal a ser atingido pelo falante que, no entanto, dele se distancia cada vez mais.

Por se tratar de uma língua pautada na gramática, as pessoas que não tem acesso a esta normatização acabam por não utilizá-la e se expressam na forma escrita assim como falam, reproduzindo no papel as conjugações verbais, as colocações pronominais, as concordâncias e regências verbais e nominais, dentre tantas outras regras que a Língua Portuguesa padrão possui, “erroneamente”, quando nos referimos a esta modalidade da língua.

Outro fator que merece destaque nesta citação é considerar a língua padrão como um ideal a ser atingido pelos falantes. Por ser a gramática praticada nas escolas, esta passa a ser uma meta: aprender a utilizar “corretamente” a língua, como se as outras variedades devessem ser esquecidas. É a partir daí que surgem expressões tão ouvidas e faladas, tais quais: “o português é muito difícil” e “eu não sei falar certo”. Estas são características do preconceito linguístico, já que estes falantes sentem-se inferiores àqueles que falam a língua-padrão, como defende Sobroza (2010, p.3):

Quem mais sofre com isso são aqueles que provêm das classes menos favorecidas economicamente, são eles que

sentem na pele a ridicularização, sentem-se estranhos em sua própria língua, cheio de dúvidas e incertezas, distantes na norma considerada correta. Por isso, a maioria dos estudantes chega ao final do Ensino Médio sem conseguir transferir suas ideias para a folha da redação, há uma preocupação tão grande em empregar regras gramaticais, em “escrever certo”, que o pensamento não consegue concretizar-se no papel.

Neste viés é preciso observar que há uma tênue diferença entre norma culta ou variedade culta e língua-padrão, embora muitas vezes assimilamos que ambas tenham o mesmo significado. Os falantes cultos, aquelas pessoas que têm acesso às regras padronizadas, inculcadas no processo de escolarização, exprimem a língua de uma forma culta, mais próxima à gramática normativa. Essa é a norma culta ou variedade culta. Já as formas impressas e impostas pela gramática tradicional que provavelmente só se encontrara na escrita como “conta-me”, “dar-se-ia”, “diga-lhe” configuram a língua-padrão.

A frágil diferença que há entre língua-padrão e norma culta da Língua Portuguesa nos faz refletir sobre a necessidade de ensinar na escola as regras gramaticais impostas pela língua-padrão. Mesmo estudando a gramática nas escolas, o que atingimos é a norma culta da Língua Portuguesa, já que nem mesmo escrevemos de acordo com todas as regras gramaticais. Este estudo, por sua vez, está carregado de regras, mas ainda assim não faz o uso da língua-padrão em sua totalidade, mas segue a norma culta ou variedade culta da Língua Portuguesa, a qual deve ser utilizada em situações formais, como esta.

Bagno (2004, p. 40) desvela também sobre variedade culta e norma-padrão:

De um lado, coloco a norma-padrão, que não existe concretamente, que não é falada, nem escrita por ninguém em sua integridade. Do outro lado, coloco as variedades cultas da língua, que existem de verdade, que são faladas pelas pessoas cultas do Brasil.

Segundo o autor, a língua-padrão não é mais utilizada em sua totalidade na escrita, nem tão pouco na fala. O que realmente temos hoje são as variedades cultas, as quais, por meio da língua-padrão, foram inculcadas nos ditos falantes

cultos. Desta forma, podemos concluir que devemos ao ensino da língua-padrão a variedade culta a qual estamos fazendo o uso neste trabalho.

Os falantes cultos da língua conhecem a gramática imposta pela língua-padrão, já a estudaram e assimilaram aquilo que é imprescindível para se comunicar em situações formais. Contudo, mesmo tendo este conhecimento, podemos afirmar que se torna quase inatingível a ideia de fazer o uso da língua-padrão na sua completude. Desta forma, nos tornamos falantes cultos da Língua Portuguesa, e não falantes da língua-padrão.

Por este motivo, enfatizamos aqui, que a norma-padrão ou língua-padrão não deve ser esquecida, banida do íterim linguístico, mas por outro lado, não podemos elevá-la a um altar, ao qual todas as demais variedades se prostrem aos seus pés.

Após expormos os tipos de comunicação verbal, virtual e língua-padrão, a partir deste ponto faremos uma explanação e conceituação sobre Signos e Significações.

1.3 SIGNOS E SIGNIFICAÇÕES

A comunicação se dá quando há compreensão da mesma mensagem pelos interlocutores, porém a compreensão tem um caráter individual, mesmo acontecendo entre duas ou mais pessoas. O que uma pessoa compreende da mensagem pode não ser a mesma coisa que o outro compreende, uma vez que depende do significado construído de forma intrínseca em torno da mensagem.

Vamos exemplificar de uma maneira bem simples: um médico, por exemplo, compreende toda a linguagem da medicina, mas um leigo no assunto, como os pacientes, por exemplo, não compreendem os termos utilizados por eles. Desta forma, para que haja comunicação, este profissional deve traduzir a linguagem que domina para uma mais simples, que atinja a compreensão do paciente. Ainda assim, o paciente pode entender de forma distinta a que o médico expôs por ter significados diferentes construídos em sua mente. O significado que

cada pessoa constrói, depende do conhecimento que ela possui do assunto em questão.

Segundo Santaella (1999, p. 78)

A língua é constituída pelo conjunto sistemático das convenções necessárias para a comunicação, é um produto social de cuja assimilação cada indivíduo depende para o exercício da linguagem.

Sabemos que a língua é um produto social e que a comunicação se dá neste meio. Mas o que queremos destacar nesta fala de Santaella é que para que a comunicação por meio da língua aconteça, há um exercício individual para a assimilação da mensagem, pois cada pessoa estabelece para si os significados que esta língua apresenta.

Esta mesma autora defende que “[...] somos uma espécie de animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.” (1999, p.10). Quando a autora define-nos como seres de linguagem, ela afirma que para nos comunicarmos não nos limitamos ao uso da língua, mas sim nos orientamos por meio de imagens, sons, sinais, gestos, gráficos e tantas outras sensações que nos são possíveis. A partir daí, nasce a ciência que estuda toda e qualquer linguagem: a Semiótica.

Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo e exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômenos de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 1999, p. 13).

Semiótica, etimologicamente falando, vem da raiz grega *semeion* que quer dizer signo. Mas como definir e entender signo neste prisma de comunicação?

O signo não é o objeto em si, mas representa o objeto. Se eu disser a palavra “casa”, por exemplo, este é o signo, e não a casa/construção propriamente dita. Esta casa/construção é o significado do signo casa. Neste caso, o signo é a palavra casa.

Peirce, (apud Santaela, 199, p. 58) um dos precursores e renomado estudioso deste assunto, desvela que um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente.

Outros dois conceitos de signo provém de Agostinho e Aristóteles e foram retomados por Gambarato (2005, p. 206):

O conceito de signo então se construiu decorrente de uma dupla origem: Aurélio Agostinho (354-430) e Aristóteles. No sentido dado por Agostinho, signo é “uma coisa que, além da forma (speciem) que ela imprime nos sentidos, faz com que a partir dela qualquer outra coisa venha ao pensamento”

[...]

Já Aristóteles definiu signo como sendo aquele que “parece ser uma premissa demonstrativa necessária ou provável: quando uma coisa está sendo, uma outra é, quando uma coisa está se tornando, uma outra se torna, anteriormente e posteriormente, este é o signo do advento ou do ser”.

Por isso o signo tem um caráter tão individual, já que depende do interpretante compreender a mensagem proveniente das significações que ele construiu para si de cada signo. Então, o signo tem uma relação com seu objeto, e o interpretante produz em sua mente outro signo,

[...] seja uma imagem mental ou palpável, uma ação ou uma mera reação gestual, uma palavra, ou um mero sentimento de alegria, raiva... ou seja lá o que for que é criado na mente pelo signo, é outro signo (tradução do primeiro)” (SANTAELA, 1999, p. 59).

Entendemos signo como a representação de algo, mas não este algo concretamente. Imaginemos a palavra mesa. Ao falar esta palavra referindo-se ao móvel utilizado para refeição, a pessoa que está ouvindo vai construir em sua mente o móvel que ela conhece, que pode não ser o mesmo que quem fala conhece. Este pode compreendê-la de madeira com quatro cadeiras, enquanto aquele a compreende de vidro e com seis cadeiras. Por este motivo, os signos estão vinculados às significações, sobre as quais veremos a seguir.

Todas as aparências sensíveis ao homem – na sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos – desvela significações. É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens (produtos da consciência) (SANTAELA, 1999, p.13).

As significações são individuais e dependem da sensibilidade e conhecimento de quem as assimilam. Compreender um signo é materializá-lo ou abstraí-lo na mente de quem o interpreta.

Gambarato (2011, p. 207) afirma que

[...] significação é uma representação. O signo conduz imediatamente ao significado, sem a presença de intermediários. O signo não está fixado a um só significado, o da coisa em si, ele apenas a representa sob algum aspecto.”

Entendendo desta forma as significações, podemos analisar o signo em aspectos diferentes. Cada signo possui diversos significados, tanto para a pessoa que o expõe, quanto para a pessoa que o absorve. Para cada um existe significações diferentes e semelhantes.

Imaginemos a palavra manga, por exemplo. Este é um exemplo de que o signo pode não ter sempre a mesma significação. Ela, isoladamente, pode inferir o significado de fruta iminente da mangueira, como também pode significar uma parte de um vestuário. Nesta perspectiva, observemos o que Hjelmslev (apud Silva, 2003) versa:

Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, [...]. É necessário, assim abster-se de acreditar que um substantivo está mais carregado de sentido do que uma preposição, ou que uma palavra está mais carregada de significação do que um sufixo de derivação ou uma terminação flexional.

Desta forma, confirmamos a necessidade de um contexto para agregar significação a um signo.

A palavra verão, por exemplo, se colocada num contexto exercendo uma ação, regendo o sujeito, ela será gramaticalmente classificada como verbo conjugado

em terceira pessoa do plural, no futuro do presente e no modo indicativo. O seu significado provem da ação de ver, enxergar, como na frase “Eles verão a moça na festa”. Quando, porém, esta palavra estiver empregada num contexto que identifique e nomeie uma estação do ano, ela será, gramaticalmente classificada como substantivo masculino simples, primitivo e abstrato, cujo significado remete a uma estação marcada pelo calor, praia, viagens, férias, como na frase “No verão vamos à praia”. É mediante ao contexto que, de fato, inferimos significações aos signos.

E ainda, chama-nos grande atenção a valorização de quaisquer signo, pois a todos estão agregados significados, não sendo um com maior relevância que o outro.

Numa palavra, pode ter pequenas partículas que contenham significados. Dentro da língua, elas são chamadas de morfemas; enquanto signos, elas são chamadas de “partes das expressões de signos”. Na palavra “gatas” por exemplo temos três partes das expressões de signos: gat- animal peludo, de quatro patas, mamífero e da família dos felinos; -a- partícula que agrega valor de gênero feminino; -s partícula que expressa plural.

Muito ainda há para explanar sobre signos e significantes, porém nos limitamos aqui, já que consideramos suficientes as abordagens feitas sobre o tema, as quais circundam em meio ao nosso assunto principal: a influência da linguagem virtual na norma culta da Língua Portuguesa.

Encerramos aqui este capítulo que nos esclareceu sobre a constituição e evolução da comunicação humana, as comunicações verbal e virtual e a língua-padrão nacional, como também uma breve exposição do que venha a ser signos e significações.

2 O USO DA LINGUAGEM VIRTUAL NAS ATIVIDADES ECOLARES

A linguagem virtual está presente no cotidiano de muitas pessoas. A *internet* faz parte da vida da maioria dos jovens sendo, por vezes, até indispensável. O acesso às redes sociais está à mão desta geração por meio de *tablets*, *notebooks*, e ainda com mais facilidade, por meio dos *smartphones*, aparelhos que agregam as funções de celular, câmera fotográfica, filmadora, e até de computadores, os quais proporcionam acesso à *internet* em qualquer lugar que esteja ao alcance da rede. E o mais relevante a mencionar, é que estes estão disponíveis de forma que atenda a maioria da população, tanto com valores atingíveis quanto com preços elevados.

Desta forma, o jovem domina de forma surpreendente a linguagem virtual, pois eles nasceram em meio à esta tecnologia - *internet*. Almeida (2000, p. 108), mesmo no fim do século XX, versa muito claramente sobre isso:

Os alunos, por crescerem em uma sociedade permeada por recursos tecnológicos, são hábeis manipuladores da tecnologia e a dominam com rapidez e desenvoltura, mesmo os alunos pertencentes a camadas menos favorecidas. [...] A percepção sobre tal recurso é diferente da percepção de uma pessoa que cresceu numa época e que o convívio com a tecnologia era muito restrito.

Ao analisar como foi veloz instauração da *internet* na vida das pessoas, percebemos que no início do século 21, poucas eram as pessoas que possuíam acesso à *internet* em casa mediante a computadores e cabos que proporcionavam a conexão. Atualmente, para se ter *internet* em casa, não há nem a necessidade de cabo algum, embora este ainda seja utilizado. Esta pode ser feita também por *modems* portáteis, como também por chamados roteadores que captam a *internet*, decodificam-na e a transmitem em ondas de rádio, o que permite o acesso a esta tecnologia sem cabos aos aparelhos que possuem esta funcionalidade.

Então, a facilidade que os estudantes têm de lidar com as inovações da tecnologia, e que esta facilidade se reflete na língua também como novas

expressões, novas siglas, novas formas de se comunicar por meio deste tipo de linguagem.

A expansão da Internet inaugurou uma nova era, um momento de transição na comunicação, fazendo surgir um novo estilo textual que permeia as comunicações, em uma interface dinâmica com que flui o processo de comunicabilidade (FALCÃO, 2008, p.2).

Com esta difusão, a língua por ser viva, está se refazendo, se modificando neste aspecto na mesma proporção em que o uso da *internet* aumenta, já que as redes sociais e aplicativos de relacionamento estão cada vez mais infiltrados em meio aos relacionamentos virtuais como também em relacionamentos físicos propriamente dito.

Podemos defender a utilização da linguagem virtual, uma vez que, semanticamente, ela funciona perfeitamente, pois reproduz, quase que perfeitamente a forma falada da Língua Portuguesa, então, ela torna-se cabível em ambiente virtual. Falcão (2008), afirma “[...] que a despreocupação com as regras gramaticais e a informalidade fazem das mensagens que os internautas trocam entre si uma simulação quase perfeita da língua falada”.

Othero (2004) também versa sobre esta nova tendência na escrita:

Uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet. Como a conversa é em tempo real e pode se dar com mais de um usuário ao mesmo tempo, é preciso escrever rapidamente (apud RIBAS et al., 2007).

A comunicação no meio virtual tende a ser ágil, simultânea, dinâmica e próxima da oralidade. Estes talvez sejam os principais motivos da despreocupação com as regras gramaticais neste contexto. Trata-se de uma conversa informal, que geralmente é feita por pessoas que se relacionam de alguma maneira, e isso ameniza a o interesse da normatização da língua. Contudo, a linguagem virtual,

como o próprio nome já diz, é plenamente admissível em ambiente virtual, mas torna-se tão natural que acaba ocupando espaço também fora deste ambiente, e, por vezes, é utilizada em outras situações que fogem ao virtual, passando ao real.

Um exemplo disso foi uma propaganda que recebemos por e-mail nesta semana sobre uma promoção de fim de semana de uma renomada loja de eletrodomésticos:



Figura 1 – Propaganda de uma loja recebida por e-mail.

Fonte: E-mail pessoal, em 15/11/2015

Ao observarmos a propaganda, percebemos que a empresa utilizou como *marketing* a sigla “FDS” substituindo a expressão Fim de Semana. Podemos inferir com isso, que há uma agregação da linguagem virtual à Língua Portuguesa, mesmo que esta propaganda tenha sido enviada por e-mail, já que ela não caracteriza uma conversa instantânea. Fizemos uma experiência e mostramos esta propaganda à uma mulher de 45 anos, e ela, por sua vez, não a compreendeu, embora também utilize e-mail, redes sociais e aplicativos de relacionamento.

Por este motivo, escolhemos como público alvo de nossa pesquisa, os jovens alunos do 3º Ano do EMR a fim de estudarmos estas reais diferenças na interferência da linguagem virtual na língua materna em sua forma culta.

Na terceira etapa da EJA, embora tenha alunos jovens, há também os alunos adultos, os quais possuem responsabilidades já definidas, experiências adquiridas ao longo da vida e consciência de suas ações. Bellan (2005, p. 29)

afirma que “[...] o adulto é aquela pessoa madura o suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos diante da sociedade”. Eles possuem preocupações que o jovem, em sua maioria, nem se atentam que elas existam.

Ainda que o adulto tenha acesso às redes sociais, suas responsabilidades diárias típicas de adulto como trabalhar para manter a casa e a família financeiramente, por exemplo, muitas vezes, não o permite dedicar o mesmo tempo que os jovens dedicam para estarem “conectados”. Em geral, as incumbências de um jovem são mais leves, permitindo-o mais tempo livre para utilizar este meio de comunicação, interação e entretenimento.

Em fase final da educação básica, geralmente os alunos vislumbram um futuro no mercado de trabalho ou a ascensão nos estudos. Isso acontece independente se o aluno é jovem ou adulto. Nesta perspectiva entendemos que saber se comunicar adequadamente e se expressar com destreza é um fator importante nestes dois segmentos.

Portanto, o que defendemos aqui é que em situações em que a norma culta da Língua Portuguesa é exigida, ela deve ser utilizada sem ser agregada a linguagem virtual. Em ambiente escolar, por exemplo, onde a língua-padrão é ensinada por meio das gramáticas, cuja intenção é proporcionar aos alunos conhecer a norma culta da Língua Portuguesa, e, conseqüentemente, torná-los falantes cultos da língua, a linguagem virtual não é conveniente, a menos que seja em atividades proposta com este tema.

Souza (2007) relata sobre a confusão que pode permear o estudante em momentos em que apenas a norma culta é exigida:

Os próprios alunos criticam o uso indiscriminado desta linguagem. Na hora de provas, trabalhos e redações, a escrita exigida é a normatizada pela gramática tradicional. [...] o hábito do ciberespaço está contagiando, causando confusão na hora de escrever conforme padrões exigidos.

Por ser uma linguagem muito utilizada pelos alunos fora do ambiente escolar, a fusão desta com a norma culta da Língua Portuguesa é algo perceptível para nós professores que estamos em sala de aula. Daí o interesse em pesquisar esta interferência.

Pesquisando na *internet* acerca deste assunto, encontramos um *site* em que um dos autores que compõem a equipe, Ostiore (2011) ressalta:

Muitos de nós profissionais de internet acreditam que a língua portuguesa será forçosamente modificada por causa da internet, perdendo suas características ao longo do tempo e se adaptando para uma linguagem mais universal, baseada na inglesa. Quem viver verá (OSTIORE, *Site Gente que Pensa*, 2011).

Pensando desta forma, o autor defende que a linguagem virtual vai alcançar dimensões inimagináveis. Em função da *internet*, algumas palavras inglesas adentraram mesmo em nosso vocabulário como *selfie*, *microchip*, *status* e *like*. De fato, a Língua Portuguesa já está se adaptando. Ao procurarmos no Dicionário Aurélio (2001), encontramos a palavra e-mail, cujo significado atribuído é correio eletrônico. Desta forma, num futuro não muito distante, corroboramos com a ideia de que haverá uma implementação de demais palavras do meio virtual, principalmente de origem inglesa, em nosso dicionário.

Entretanto, enquanto não há esta junção da linguagem virtual à norma culta da Língua Portuguesa, é necessário cautela ao utilizá-la, preservando-a apenas ao ambiente virtual.

Listamos algumas das diversas marcas da linguagem virtual que geralmente aparecem na escrita de usuários nas redes sociais e aplicativos de relacionamento, e que, podem aparecer nas atividades escolares.

- Siglas, Abreviações: geralmente utilizadas para diminuir a quantidade de caracteres e agilizar a digitação.

VC – Você

HJ - Hoje

FDS – Fim de Semana

BJS – Beijos

Dps – Depois

Tb – Também

Pq – Porque

- Emoticons: são desenhos de expressões faciais e outros que indicam o sentimento do emissor.

\$ - Feliz

⊕ - Triste

(- Beijo

* - Preocupação

> - Raiva

K – Tudo certo, combinado.

- Pontuação: o uso de reticências para expressar continuidade na fala ou interrupção dela como se tivesse pensando para permanecer na conversa.

“Seria um grande presente pra mim... meu niver é 10/12...”

Seria um grande presente para mim. Meu aniversário é 10/12.

- Transcrição da oralidade: transcrever expressões de vocalização.

Hahaha: Risada

Rsrrsrs: Risos

Kkkkkkk: Gargalhada

- Interjeições e Repetição de vogal: reprodução expressiva da fala.

Hum... entendi.

Vc é muuuuuuuuuuito especial!

- Utilização de letras para representar uma palavra cuja sonoridade se assemelha.

V c vc vem pra ksa hj...

Vê se você vem para casa hoje.

- Ausência de pontuação e acentuação e letra maiúscula em início de frase.

tia qdo vc vem aki hj amanha ou dps de amanha

Tia, quando você vem aqui? Hoje, amanhã ou depois de amanhã?

Estes são alguns exemplos que circundam em meio à comunicação virtual. Eles demonstram a reprodução escrita muito similar à oralidade, e, desta forma, aproximam os interlocutores como se estivessem conversando face a face.

Assim, concluímos este capítulo afirmando que a linguagem virtual é rica em recursos expressivos, exerce muito bem a sua função comunicativa e é extremamente conveniente em ambiente virtual, entretanto, deve ser evitada em situações em que a norma culta da Língua Portuguesa seja prioridade como em atividades escolares.

O capítulo que segue fará exposição da metodologia adotada para a execução deste trabalho.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo é destinado a expor os meios metodológicos que nos acompanhou durante toda a pesquisa.

O primeiro método utilizado, cuja finalidade foi embasar teoricamente nosso estudo, foi a pesquisa exploratória, a qual “[...] tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (GIL, 2010, p. 27). Para isso, fizemos um levantamento bibliográfico que nos esclareceu sobre o tema e nos encorajou a pesquisá-lo.

Vale ressaltar que a maioria dos demais métodos de pesquisa envolvem este caráter exploratório, como afirma Gil (2010, p. 27).

Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume um caráter de pesquisa exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar.

Em sequência, então, utilizamos como método estudo de caso, por investigarmos um fenômeno contemporâneo: a linguagem virtual como influência nas atividades escolares. Yin (2015, p. 17) defende acerca desta afirmação:

O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidade e em seu contexto no mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes.

Nesta perspectiva, entendemos que a difusão da tecnologia e o uso exacerbado da *internet* é realidade dos jovens hoje, e, por consequência, a linguagem virtual torna-se uma forte aliada em meio a este contexto, podendo ou não ultrapassar e estes limites e se infiltrar na norma culta da Língua Portuguesa. Daí a confirmação da metodologia adotada.

Este método também é considerado abrangente por Yin (2015, p. 18):

A pesquisa de estudo de caso compreende um método abrangente, cobrindo a lógica do projeto, as técnicas de coletas de dados e as abordagens específicas à análise de dados. [...] Este método pode abarcar diferentes orientações epistemológicas – por exemplo, uma orientação relativista, ou interpretativista comparada a uma orientação realista.

Desta forma estruturamos a nossa pesquisa utilizando a teoria, para embasar nosso estudo, a coleta de dados e a análise deles, visando gerar um novo olhar sobre o tema abordado e, com isso, melhorar a ação dos professores e aprendizado dos alunos.

Vale mencionar ainda que o método estudo de caso apresenta 4 fases de investigação. Ventura (2007, p. 386), versa sobre isto:

O delineamento do estudo de caso como metodologia de investigação mostra a possibilidade de definição de quatro fases relacionadas: delimitação da unidade-caso; coleta de dados; seleção, análise e interpretação dos dados e elaboração do relatório do caso.

Nesta pesquisa, as quatro fases da investigação estão bem definidas: a unidade-caso é caracterizada pela escola foco da pesquisa bem como os alunos e professores colaboradores do estudo; a coleta de dados, que se deu por meio do questionário aos alunos e professores; a análise e interpretação dos dados e o presente relatório do caso.

Ainda Ventura (2007, p. 386) lista as vantagens do método estudo de caso para delinear uma pesquisa:

As vantagens dos estudos de caso: estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planejamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e apresentam simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles.

A autora afirma que o estímulo de novas descobertas, a simplicidade nos procedimentos e possibilidade de uma análise profunda sobre o assunto pesquisado, caracterizam as vantagens da metodologia.

Nossa análise é de caráter qualitativo por se tratar de uma análise interpretativa das questões abertas e fechadas, respondidas em questionário tanto pelos professores como também pelos alunos, e das atividades produzidas por eles.

Por não conseguirmos atingir diariamente a todos os alunos, visto que a frequência foge do nosso controle, trabalhamos com uma amostra, a qual contemplava os alunos que estavam presentes no dia das atividades propostas, os quais eram sempre a grande maioria. Desta forma, assim como afirma Gil (2010, p. 153), a pesquisa por meio de amostragem “[...] não é generalizável para a totalidade da população, mas proporciona os elementos necessários para a identificação da dinâmica do movimento.”

Por este motivo, acreditamos que o estudo, mesmo sem a totalidade dos alunos envolvidos, nos possibilitou a fidelidade e concretização da pesquisa.

Ao definirmos o tema, definimos também os envolvidos na pesquisa. Assim a EEEFM “Primo Bitti” foi selecionada para abrigar este trabalho. Para isso, conversamos com a direção da escola e apresentamos o tema e a quem ele se direcionaria. Apresentamos uma solicitação de autorização (APÊNDICE A) que foi prontamente concedida (APÊNDICE B). Desta forma, ingressamos no trabalho.

Os alunos envolvidos neste estudo cursam a terceira série do EMR e a terceira Etapa da modalidade EJA, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti” nos turnos matutino e noturno.

Escolhemos estas turmas pois entendemos que estes alunos estão encerrando sua escolarização básica e adentrando no mercado de trabalho, ou ingressando num curso superior ou técnico.

Os professores de Língua Portuguesa que atuam nestas turmas também contribuíram com a pesquisa respondendo a um questionário destinado a eles.

3.1 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Elaboramos dois questionários a serem respondidos tanto por alunos e professores. Os alunos responderam ao questionário (APÊNDICE C), com o objetivo de traçar um perfil no que tange ao uso da tecnologia para comunicação mediante o uso da *internet* em redes sociais e aplicativos de celular tanto os do ensino regular quanto aos da modalidade EJA. Foram 10 questões objetivas cujo interesse foi desvelar a faixa etária, a frequência no uso da *internet* para comunicação, o tipo de comunicação mais utilizada por eles, dentre outros que nos permitiram dar prosseguimento à pesquisa.

Com outro foco, porém com o mesmo objetivo, envolvemos também os professores que atuam com estes alunos na disciplina de Língua Portuguesa. Eles igualmente foram submetidos a um questionário (APÊNDICE D), também com o intuito de traçar o perfil de cada um. O questionário, assim como o destinado aos alunos, dispôs de 10 questões inerentes ao tema, porém 5 delas foram discursivas. O principal interesse destas questões foi levantar dados como faixa etária, formação e opinião acerca do uso da linguagem virtual em meio a atividades que envolvam a norma culta da Língua Portuguesa.

Com estes dados à mão, junto aos professores envolvidos na pesquisa, propomos alguns temas aos alunos, os quais, de forma livre ou direcionada, discursaram contemplando estes temas propostos. Foram eles: reproduzir livremente uma música na forma escrita, escrever uma carta a uma pessoa próxima, discursar sobre um tema livre, reproduzir na forma escrita um vídeo o qual assistiram e dissertar sobre um tema específico.

Por fim, as atividades foram analisadas e os dados foram tabulados para obtermos o resultado da pesquisa.

4 ARACRUZ E SUA RELEVÂNCIA

Neste capítulo, faremos uma exposição sobre Aracruz/ES, abordando questões como localização, população, recursos naturais, economia, diversidade cultural e educação. Faremos ainda um relato sobre o Bairro Coqueiral, no qual se localiza a escola objeto de nossa pesquisa, bem como da própria EEEFM “Primo Bitti”. Finalizaremos traçando o perfil dos alunos dos terceiros anos regular e EJA, e dos professores de Língua Portuguesa que atuam nestas séries, envolvidos na pesquisa.

Localizada na região nordeste do Estado do Espírito Santo dista 83 km da capital-Vitória no sentido norte. O ocupa uma área de 1.436,020 km², correspondente a 3,15% da área do Espírito Santo. Sua população de acordo com o censo 2010 é de 81.832 habitantes, sendo estimado para 2015 uma população de 95.056 habitantes (IBGE, 2015). É constituído por cinco distritos: Sede, Guaraná, Jacupemba, Vila do Riacho e Santa Cruz.

Este município tem 47 km de litoral, com praias, restingas, enseadas, recifes, Mata Atlântica, reservas marinha e ecológica, parques naturais municipais, áreas de desova de tartarugas marinhas, lagoas, rios, montanhas e manguezais, inclusive o quinto maior manguezal da América Latina encontra-se às margens do rio Piraque-Açu. É considerado um dos trechos mais preservados do litoral do Espírito Santo.

Tendo uma população de ascendentes multiétnicos (índios, negros e brancos) a diversidade cultural de Aracruz é palco para muitas manifestações artísticas, que estão arraigadas à origem de seu povo.

Aracruz é o único município capixaba que possui aldeias indígenas, com duas etnias: Tupinikim e Guarani. Eles estão divididos em 9 aldeias, sendo elas 5 Tupinikim e 4 Guarani. Algumas delas preservam os costumes e tradições: a língua (conhecem apenas o suficiente para se comunicarem na Língua Portuguesa e a utilizam corriqueiramente quando saem da tribo), os rituais, o artesanato, o vestuário e vivem em casas de estuque e cobertas de palha. Outras aldeias já se agregaram à sociedade branca e perderam grande parte

de sua cultura, embora ainda buscam recuperá-la por meio de pequenos grupos sociais.

As manifestações artísticas indígenas desta região estão impressas nos artesanatos comercializados, nas roupas e nas festas comemorativas, como o Dia do Índio, em que há muitas atrações, visitas e passeios às aldeias. Podemos citar também a Banda de Congo Tupinikim de Caeiras Velha, que é formada por índios Tupinikim residentes na aldeia de Caeiras Velha, onde ocorre a mistura de tradições indígenas e negras; Grupo de dança Guerreiros Guaranis e Grupo de dança Guerreiros Tupinikim

Não podemos deixar de mencionar as demais etnias que compõem a população aracruzense. Temos, na construção da população de Aracruz, os escravos, os quais chegaram aqui para dispor de sua mão de obra. Eles trabalhavam nos engenhos, na agricultura e na produção de farinha. Coutinho (2006) afirma que não é possível saber o motivo nem tampouco como estes escravos vieram parar aqui. Defende que eles talvez tenham vindo das cidades vizinhas, mas não se sabe ao certo quantos eram e nem como viviam.

Embora a chegada dos escravos africanos ao Espírito Santo [...] date, possivelmente, de 1662, no período colonial, não se sabe de sua entrada em Aldeia Velha. Esta possuía, nos meados do séc. XIX, engenhos e canaviais, que no Brasil eram tocados por mão de obra escrava. As informações que conseguimos, por ora, sobre a escravidão no município de Santa Cruz refere-se ao ano de 1856. (COUTINHO, 2006, p.219)

Observamos os termos “Aldeia Velha” e “município de Santa Cruz”, pois estes foram alguns dos nomes dados ao município de Aracruz no tempo percorrido em sua história.

As marcas artísticas dos negros estão entranhadas nas festas do município, dentre as quais: Banda de Congo Flor do Gramuté, grupo formado por integrantes da localidade de Itaparica - Santa Cruz; Banda de Congo São Benedito do Rosário, criada por volta de 1850 e teve seu primeiro uniforme doado por D. Pedro II, em visita ao Espírito Santo, em 1860; Grupo de

Capoeira Ilê-Odara, criado pelo mestre VT com o objetivo de resgatar a cultura negra no Município e Cordão das Baianas 30 participantes, criado pela ex-escrava Mãe Aurélia no início do século XX, em Vila do Riacho e Barra do Riacho, onde morou.

Os italianos, que vieram trazidos por Pietro Tabacchi, primeiro imigrante desta nacionalidade a se instalar nessas terras, cuja intenção foi também utilizar a mão de obra para atender as necessidades do governo em desmatar esta região e trabalhar nas lavouras.

[...] Pietro Tabacchi, um imigrante italiano que vivia em Santa Cruz desde 1851, conseguiu autorização para trazer no brigue-barco "Sofia", ao porto de Vitória, 386 imigrantes italianos para suas propriedades, fato acontecido em 24-02-1874. Após dez dias vem para Santa Cruz a bordo do barco a vapor (patacho) nacional "Nossa Senhora da Penha" (COUTINHO,2006, p. 233).

Porém, os italianos se rebelaram com Tabacchi por este não cumprir os acordos feitos e acabaram por se dispersarem pelo município e para além das fronteiras dele.

Podemos citar como manifestação artística que resguarda a origem italiana deste município, o Gruppo di Ballo "Nova Trento", que é um grupo de danças folclóricas italianas, criado em 1997, pela Divisão de Arte e Cultura da Prefeitura de Aracruz cujos componentes são descendentes de italianos do Distrito de Guaraná. Temos também o Coral de Italianos, também formado por descendentes italianos, que anima eventos com repertório de músicas italianas.

Aracruz é um município economicamente abastado. A agropecuária tem um papel fundamental no desenvolvimento do município principalmente na geração de emprego. Dentro desta atividade destacamos a cultura do café conilon, a fruticultura e a pecuária como as principais atividades desenvolvidas no município neste aspecto de agronegócio. Porém, a base econômica de Aracruz está nas empresas.

Um levantamento feito pela Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (Findes) feito em 2014 apontou as empresas que estão instaladas no

município e os setores que elas se enquadram, bem como a quantidade de empregos que elas geram aqui na região:

Tabela 1 - Empresas e Empregos nos Principais Setores de Atividade do Município de Aracruz.

SETORES DE ATUAÇÃO					
INDÚSTRIA		COMÉRCIO		SERVIÇOS	
EMPRESAS	EMPREGOS	EMPRESAS	EMPREGOS	EMPRESAS	EMPREGOS
294	8.628	672	3.792	605	12.077

Fonte: Caminhos para o Desenvolvimento Regional Aracruz e Região, Fines, 2014.

O setor da Indústria soma 294 empresas e 8.628 empregos, o que equivale a 18,7% e 35,2% respectivamente. O setor de comércio é responsável por 3.792 empregos que corresponde a 15,5% dentro de 672 empresas que equivale a 42,8%. Já o setor de Serviços soma 605 empresas e 12.077 empregos, o que resulta em 38,5% e 49,3%, respectivamente. Vale lembrar que este setor corresponde a empresas prestadoras de serviço, então, somadas ao setor da indústria a quantidade de empresas é de 899 unidades (57,2%) e garantem emprego para 20.705 pessoas (83,5%). A mais importante delas é a Fibria: principal fonte econômica, com inúmeros empregos gerados. É a maior produtora mundial de celulose de fibras curtas, como confirmam os dados do Incaper (2011, p. 10).

A base da economia do município de Aracruz é representada pela empresa de Celulose denominada FIBRIA Aracruz, a maior empresa mundial de fibra curta e branqueada de eucalipto, matéria prima para fabricação de papéis projetando assim o município no Brasil e no mundo.

A Fibria foi instalada em setembro de 2009, como resultado da incorporação da Aracruz Celulose S.A. pela Votorantim Celulose e Papel S.A. (VCP). A empresa é responsável pela vasta floresta de eucalipto, matéria prima utilizada para seu produto, e está localizada a poucos quilômetros da sede do município.

Não podemos deixar de mencionar outras empresas de grande porte que se instalaram no município: Portocel - especializado no embarque de celulose, cuja infraestrutura de transportes do terminal é completa e está preparado para receber navios diariamente, com capacidade de embarque anual de 7.500.000 toneladas de celulose; Jurong Aracruz (EJA) - empresa capixaba, subsidiária do grupo cingapuriano *Sembcorp Marine*, responsável pela construção de navios-sondas, que representarão a próxima geração de equipamentos para trabalhar eficientemente em águas profundas; *Evonik* – produz peróxido de hidrogênio, é a segunda maior unidade fabril do produto e a segunda maior fábrica do Brasil, com produção anual de 100 mil toneladas; Canexus – Multinacional Canadense que produz soda cáustica, cloreto de sódio, ácido clorídrico, hipoclorito de sódio e cloro; PQA – a produtos Químicos Aracruz é a unidade de encilindramento de cloro e produção de hipoclorito de sódio. A empresa tem uma produção mensal de 700 toneladas de cloro encilindrado e 200 toneladas de hipoclorito de sódio.

No quesito educação, o município oferece escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio em escolas públicas e particulares que atendem a demanda local e cidades vizinhas. Elas somam um total de 72 escolas (BRASIL, 2014, p. 17). Possui também o Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), o Centro Integrado Sesi/Senai/IEL e duas Instituições de Ensino Superior: a Faculdade de Aracruz (FAACZ) e Faculdade Casa do Estudante (FACE). O ensino superior à distância em Aracruz também é bem estruturado por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB), pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a Faculdade Paulista (UNIP) e a Faculdade Metropolitana de Santos (UNIMES).

No próximo item, faremos uma explanação sobre a EEEFM “Primo Bitti”, local onde permeia nossa pesquisa.

4.1 ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO “PRIMO BITTI”

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Primo Bitti" é uma instituição de ensino criada e mantida pelo Governo do Estado do Espírito Santo, situada na Rua das Palmeiras, s/n, Bairro Coqueiral, Aracruz/ES. Nasceu quase simultânea ao bairro Coqueiral em que está inserida e paralelo à inauguração da Fábrica Aracruz Celulose S/A, hoje Fibria.

A implementação da fábrica exigiu o recrutamento de pessoal especializado em número elevado. Considerando-se que a infraestrutura do município não oferecia condições para absorver as famílias, surgiu a necessidade premente de criar uma estrutura para recebê-las e abrigá-las. Desta forma, em 76, iniciou-se a construção do bairro Coqueiral (MEDINA, 2013, p.24).

Desde então, as obras não pararam. Era a edificação da fábrica Aracruz Celulose, o desenvolvimento do bairro e a construção das duas escolas atender à demanda, principalmente os filhos dos funcionários.

Em 1978, a empresa responsável pela construção do bairro Coqueiral entregou a obra concluída e em paralelo a fábrica já começara a funcionar e foi inaugurada a Escola de 1º grau Coqueiral, conforme Portaria nº 855 - E de 03/02/1978, aprovada pela Resolução CEE 27/86 de 09/05/1986.

PORTARIA DE 03 DE FEVEREIRO DE 1978

Pela Portaria nº 855 – E

Cria estabelecimento de Ensino

O secretário de Estado da Educação do Espírito Santo no uso de suas atribuições legais [...] resolve:

CRIAR Estabelecimento de Ensino abaixo discriminado:

Escola de 1º Grau “Coqueiral”, município de Aracruz, com classes de 1ª a 8ª séries.

Inicialmente, a escola atendia as séries do Ensino Fundamental, antes 1º grau, em um prédio provisório adequado às necessidades da clientela. Nessa época a escola tinha um aspecto de um barracão, feito de madeira de eucalipto para atender aos filhos dos funcionários da Fábrica Aracruz Celulose e comunidades próximas.

Neste contexto, é imprescindível relatar a hierarquia implementada no bairro desde a sua construção.

No início foram construídas 832 unidades habitacionais, divididas para diferentes níveis hierárquicos na fábrica: eram casas nos padrões A, B, C e D. As casas “A” foram disponibilizadas para diretores, gerentes e chefes de divisão. As casas “B” foram para supervisores e encarregados, as “C” e “D” eram para o nível operacional ou executante (MEDINA, 2013, p. 37).

Da mesma forma que houve divisão na fundação do bairro, houve distinção dos alunos que estudariam na escola mantida pela Aracruz Celulose, chamada Escola Ativa (hoje Darwin), em que os pais deveriam pagar uma mensalidade para que seus filhos estudassem e a escola pública, hoje a EEEFM “Primo Bitti”, já que esta era mantida pelo governo do estado e não demandava nenhuma verba da família.

Assim, os filhos dos funcionários mais elitizados por suas funções estudavam na Escola Ativa, e os filhos dos funcionários menos elitizados estudavam na Escola de 1º grau Coqueiral.



Figura 2 – Foto panorâmica por satélite do Bairro Coqueiral

Fonte: *Google Earth* em 05/10/2015

Há algumas curiosidades a relatar sobre a foto panorâmica do bairro Coqueiral. Uma delas é o formato escolhido para a edificação do bairro: podemos identificar o desenho de um beija-flor, como relata Medina (2013, p. 64). Outra confirmação que obtemos pela figura é a localização das escolas. O prédio que hoje funciona o Colégio Darwin era a Escola Ativa. Podemos observar uma proximidade maior das ruas do bairro onde moravam os funcionários com mais prestígio social, que ocupavam os maiores cargos dentro da empresa Aracruz Celulose. Já a escola pública, hoje a EEEFM “Primo Bitti”, está localizada mais próxima às ruas dos funcionários menos prestigiados, o que fatalmente prova a hierarquia antes mencionada.

Mesmo sendo conhecida como escola pública, que, muitas vezes, pelo próprio nome já traz um estigma de inferior, o *status* de uma boa educação vinda de lá sempre foi positivo. Medina (2013, p. 98) afirma que “[...] antigamente, no início do bairro existia só a escola Ativa e a escola pública que é a Primo Bitti. O ensino era tão bom que todos gostavam de ir para a escola.” Segundo a autora, os alunos e seus pais que estudaram na escola pública. “[...] consideravam o ensino de excelente qualidade [...]” (p. 21).

Muitas foram as ações e acontecimentos que marcaram a trajetória da EEEFM “Primo Bitti”. Em pesquisa aos documentos da escola, verificamos os

acontecimentos mais importantes que delongaram do romper da escola até os dias atuais, dentre os quais, selecionamos alguns para descrever e comentar.

4.1.1 Linha de tempo da EEEFM “Primo Bitti”

- 1978 – a Sra. Claudia Almeida dos Santos administrava a escola com 12 salas de aulas, tendo total apoio da empresa Aracruz Celulose, atuante nas questões ambientais.
- 1983 – a Sra. Delvira da Silva Santos, com ajuda da Aracruz Celulose, ampliou a escola, criando mais salas de aulas e área recreativa para atender melhor as classes de pré-escola, em um espaço de madeira com parquinho, para o lazer das crianças.

Nos anos iniciais de sua jornada educativa, a escola Primo Bitti contou com o apoio da empresa Aracruz Celulose, mesmo sendo mantida pelo governo do estado.

- 1980 – o cargo de direção passa a ser ocupado pela Sra. Onorilda Loureiro Zamperlini que atuou como diretora até 1990. Dois marcos importantes para a escola nesta época foram: a implementação do 2º grau, quando a escola passou a chamar-se Escola de Primeiro e Segundo Graus Coqueiral, de acordo com a Portaria nº 2563 de 16 de maio de 1989, publicada no Diário Oficial do dia 30 de maio de 1989.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA DO DO ESPÍRITO SANTO, no uso das atribuições legais que lhe foram conferidas [...] resolve:

Art. 1º - TRANSFORMAR a Escola de 1º Grau “Coqueiral”, localizada no município de Aracruz, em escola de 2º Grau, com a mesma denominação.

Art. 2º - Fazer retroagir os efeitos desta portaria ao início do ano letivo do corrente ano.

E neste mesmo ano, aconteceu a implementação do curso Técnico em Contabilidade e foi por este motivo o processo de transformação em escola de segundo grau, mesmo sendo autorizada pela portaria supra citada, precisou ser retroagido ao início do ano letivo de 1989.

PORTARIA E Nº 2530 DE 19.01.89.

Art. 1º - CRIAR na escola de 1º Grau “Coqueiral”, localizada no município de Aracruz, o Curso Técnico de Contabilidade.

Art. 2º - Esta portaria entrará em vigor a partir do início do ano letivo de 1989.

Ainda funcionando na escola de madeira, dita provisória, a então EPSG “Coqueiral” começa a funcionar nos três turnos, atendendo no noturno o curso Técnico em Contabilidade e o Ensino Médio, na época o “Segundo Grau”. Na Figura 3, encontrada nos arquivos da escola, podemos confirmar a estrutura de madeira da escola como também o nome em vigor neste período.



Figura 3 – Foto da EPSG “Coqueiral” em setembro de 1992

Fonte: Arquivo da Secretaria da EEEFM “Primo Bitti”, 2015

- 1991- assume a direção da escola a Sra. Giselda Vieira Crema

- 1994 - Magda Maria Barcelos ocupa o cargo de direção e luta com as autoridades locais para conseguir retomar a obra iniciada do prédio que hoje funciona a escola. As dependências da escola de madeira já estavam se deteriorando, como podemos ver na Figura 4.



Figura 4 – Foto das dependências internas da EPSG “Coqueiral” em agosto de 1993

Fonte: Arquivo da Secretaria da EEEFM “Primo Bitti”, 2015

A estrutura estava comprometida colocando em risco a vida dos estudantes que lá passavam boa parte do dia. Neste mesmo ano a construção da escola definitiva deslanchou, e no mês de agosto ela já estava com a estrutura em fase de acabamento, conforme Figura 4.



Figura 5 – Fachada da EPSG “Coqueiral” em construção em agosto de 1994

Fonte: Arquivo da Secretaria da EEEFM “Primo Bitti”, 2015

- 1995 – ano de mudança, aconteceu a inauguração do prédio, o qual a escola permanece. Governador da época: Sr. Vitor Buaiz.
- 1999 – assume a direção a Sra. Benedita Sena que permanece até 2004. Neste meio tempo, em 2002, publicado no D.O. de 02 de abril de 2002, a escola passou a denominar-se EPSG “Primo Bitti” em homenagem ao ex-prefeito de Aracruz¹, o qual foi eleito por cinco mandatos e muito trabalhou em prol do município. Ele foi homenageado “emprestando” o seu nome em estrada, posto de saúde e aeroporto.

Lei nº 7115

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica denominada de Escola de 1º e 2º Graus “Primo Bitti”, a Escola de 1º e 2º Graus “Coqueiral”, localizada no município de Aracruz.

¹Primo Bitti nasceu em 09/02/1922. Assumiu a Prefeitura municipal de Aracruz por cinco mandatos, os quais aconteceram nos anos de 1959-63, 73-77, 83-88 e 93-96. Bitti estimulou a industrialização, a educação e implantou o serviço médico público da cidade. Ele também foi um dos pioneiros na adoção de medidas para preservação do meio ambiente. Morreu com 79 anos num acidente automobilístico, em 03/06/2001.

Assim, ao se extinguir as expressões “Primeiro Grau” e “Segundo Grau”, a escola passa a denominar-se Escola de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti” para adequar-se ao ensino ofertado, como podemos confirmar por meio da Portaria nº 055-R de 12 de junho de 2002.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, SÉRGIO MISSE, no uso da atribuição que lhe foi conferida [...] e considerando:

- as disposições contidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e normas dela decorrentes;
- as normas expressas no Regimento Comum das Escolas da Rede Estadual de Ensino;
- a necessidade de classificar as unidades escolares adequando-as à legislação vigente.

RESOLVE:

Art. 1º - As unidades escolares, que integram a rede estadual de ensino, ficam classificadas de acordo com o nível de ensino ofertado, mantendo-se a mesma denominação, conforme especificado:

Unidade escolar: Escola de 1º e 2º Graus
Nova Classificação: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Sigla: EEEFM

- 2004 – assume a direção a Sra. Maria da Penha Scarpatti Giacomim. O seu mandato dura até 2007, quando foi criado o curso Técnico em Segurança do Trabalho.
- 2010 – implantação do Ensino Médio Integrado com Técnico em Informática.
- 2013 – implantação do Ensino Médio Integrado com Técnico em Administração Atualmente a escola tem como diretora a Sra. Lucinéia da Penha Alves Grugiki (desde 2007).

4.1.2 Aspectos Gerais

A escola funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno, isto é: de 7:00 às 22:30h e atende as séries finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio,

Ensino Médio Integrado com Técnico em Informática e Ensino Médio Integrado com Técnico em Administração. Ainda oferece a Educação de Jovens e Adultos no 2º Segmento, que corresponde às séries finais do Ensino Fundamental e o 3º segmento, que equivale ao Ensino Médio. Sua missão, registrada no Projeto Político Pedagógico, vigente nos anos 2014/15 é:

Nossa missão é trabalharmos para a formação integral do educando e sua preparação para o exercício da cidadania de maneira crítica, participativa e reflexiva, sendo ele mesmo agente de sua história (PPP, 2014/15. p.30).

O prédio é constituído por dois andares, com 12 salas de aula, sendo suficientemente amplo para a quantidade de alunos. Possui uma quadra poliesportiva coberta além de um pátio grande que oferece conforto aos alunos.

As salas de aula são amplas, arejadas e bem iluminadas, com ventiladores de teto instalados. A escola é recebe manutenção anual com verba liberada pelo Governo Federal.

O calendário escolar respeita as épocas de recessos e férias escolares, bem como feriados comemorativos, abrangendo as necessidades de toda a comunidade escolar.

De acordo com os dados do censo escolar 2014, a escola dispõe dos itens abaixo relacionados.

Infraestrutura:

- Água, energia e esgoto da rede pública;
- Lixo destinado à coleta periódica;
- Acesso à *Internet*;
- Banda larga.

Dependências:

- 15 salas de aulas;
- Sala de professores;
- Laboratório de Informática;

- Sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE);
- Quadra de esportes coberta;
- Cozinha;
- Biblioteca;
- Banheiros dentro do prédio;
- Banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida;
- Sala de Secretaria;
- Banheiro com chuveiro;
- Refeitório;
- Despensa;
- Almoxarifado;
- Auditório;
- Pátio descoberto;
- Área verde.

Equipamentos:

- TV;
- Copiadora;
- Impressora;
- Aparelho de som;
- Projetor multimídia (datashow).

A Biblioteca “Monteiro Lobato”, é vasta e bem composta. Possui um acervo de aproximadamente 6.300 livros e funciona também nos três turnos.

A merenda escolar é terceirizada, preparada e servida pelas merendeiras. É enviado um cardápio mensal nutricionalmente balanceado e é feito um controle de quantos alunos merendam diariamente nos três turnos.

O objetivo geral do estabelecimento é o de propiciar uma educação de qualidade para que o educando adquira, assim, uma formação que o possibilite desenvolver suas potencialidades e sua autorrealização, estando preparado, dessa maneira, para o exercício consciente da cidadania.

4.1.3 O Público

A EEEFM “Primo Bitti” atende a adolescentes, jovens, adultos trabalhadores, idosos e alunos com necessidades educativas especiais, na faixa etária de 11 anos sem limite de idade máxima, de 17 comunidades do município de Aracruz e 1 do município de Fundão, oriundos de diferentes etnias e condições socioeconômicas, a saber:

Balsa: comunidade de pescadores.

Irajá: comunidade mista formada por indígenas Tupiniquins, pescadores, catadores de caranguejo, trabalhadores terceirizados e alguns comerciantes locais.

Caeiras Velhas: Aldeia indígena Tupiniquim.

Barra do Sahy: comunidade formada por pescadores, trabalhadores terceirizados e comerciantes locais.

Pedrinhas: comunidade formada por trabalhadores terceirizados, comerciantes locais, comerciários, trabalhadoras domésticas e indivíduos itinerantes, que estejam no município temporariamente.

Praia de Sauê: comunidade formada por trabalhadores terceirizados, comerciantes locais, comerciários, trabalhadoras domésticas e indivíduos itinerantes, que estejam no município temporariamente.

Putiri: comunidade de veranistas com poucos moradores permanentes.

Mar Azul: comunidade formada por trabalhadores terceirizados, trabalhadoras domésticas e comerciantes locais.

Praia dos Padres: comunidade formada por trabalhadores terceirizados, funcionários públicos e comerciantes locais.

Aldeia Boa Esperança: comunidade formada por indígenas Guaranis.

Aldeia Três Palmeiras: comunidade formada por indígenas Guaranis.

Nova Santa Cruz: comunidade formada por trabalhadores terceirizados, trabalhadoras domésticas, e comerciantes locais.

Santa Cruz: comunidade formada por pescadores, trabalhadores terceirizados, trabalhadoras domésticas, funcionários públicos e indivíduos itinerantes.

São Francisco: comunidade em formação, composta por trabalhadores terceirizados, trabalhadoras domésticas.

Itaparica: comunidade formada por pescadores e trabalhadoras domésticas.

Rio Preto: comunidade formada por pescadores e trabalhadoras domésticas e indivíduos itinerantes.

Praia Grande: a secretaria, direção e pedagogas da EEEFM “Primo Bitti” não possuem muitas informações acerca da situação socioeconômica dos estudantes desse distrito. Os estudantes vindos dessa comunidade pagam pelo seu transporte e possuem boa cultura geral.

Coqueiral: comunidade formada por famílias de diversas partes do país e até do exterior, trabalhadores da empresa Fibria, empresas terceirizadas, comerciantes locais, funcionários públicos, comerciários e trabalhadoras domésticas.

A escola promove vários eventos, os quais, os alunos participam ativamente, dentro do seu contexto e cultura, pois além dos diversos bairros com classes sociais diferentes em que a escola está inserida, estamos rodeados por 4 comunidades indígenas, que frequentam a EEEFM “Primo Bitti”.

O fato da comunidade indígena nos chamou a atenção, pois percebemos como valorizam sua identidade, a gastronomia, a língua e organização, fato que a cada dia se torna mais difícil, principalmente para os jovens, os quais são atraídos pelo mundo moderno e suas tecnologias. Mesmo assim, procuram expor e valorizar sua cultura.

4.1.4 Aspectos Pedagógicos

A coordenação pedagógica da escola é bem definida: tem dois coordenadores nos turnos vespertino e noturno, um no turno matutino e um pedagogo para cada turno. Estes são responsáveis pelo bom andamento escolar dos alunos, acompanhando-os no que se refere a frequência, notas/aproveitamento de

estudo e a questões peculiares de cada um. Desta forma, intervém junto ao professor, lançando mão de métodos e estratégias que favoreçam a aprendizagem e à família para que este aluno tenha um bom desempenho escolar.

Os professores são estimulados pela pedagoga em suas atividades para que a proposta pedagógica não fique apenas no papel, mas que a ponham em prática nas atividades em sala, na escola x comunidade, nas atividades aluno x aluno, a fim de promover a interação da comunidade escolar e extramuros.

O relacionamento entre alunos, equipe gestora, professores e demais profissionais que atuam na escola é harmônico e produtivo, mesmo tendo uma rotatividade de professores de um ano para outro pela contratação mediante ao processo seletivo realizado anualmente. Há um grupo de professores efetivos, porém, muitas vezes, o trabalho de determinado ano não tem continuidade no próximo pela troca dos professores contratados, o que pode trazer prejuízos ao bom andamento da escola. Sobre esse assunto, o professor Luiz Carlos Novaes (2013), da Universidade Federal de São Paulo, em entrevista a um *site* de educação, afirma que

[...] o contrato temporário afeta o trabalho pedagógico de forma muito grande. Uma hora os professores estão em um lugar, uma hora estão em outro. Você divide os professores e a escola não aguenta esse nível de precarização. Não é possível falar de qualidade com essa situação.” (NOVAIS, *Site Educação.uol*, 2013).

É importante ressaltar que não devemos culpar os professores por não estarem na escola no próximo ano para dar continuidade ao seu trabalho. A sua ausência se justifica pelos processos seletivos e as chamadas “escolhas de DT’s” (Designação Temporária), que consiste numa exposição do quadro de vagas das escolas e os candidatos “escolhem” onde querem atuar. Raramente, a “escolha”, equivale ao que deseja, já que pode acontecer de outro professor escolher a vaga pretendida.

De um modo geral, a EEEFM “Primo Bitti” cumpre o seu papel, e os alunos saem de lá vislumbrando um futuro melhor.

4.1.5 O Currículo e a Carga Horária

A escola segue o Currículo Básico estadual, e os componentes curriculares estão separados por Áreas de Conhecimento:

No Ensino Fundamental:

- Linguagens e Códigos: Língua Portuguesa, Língua Materna (para populações indígenas), Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte.
- Matemática.
- Ciências Humanas: História e Geografia
- Ciências da Natureza: Ciências.
- Ensino Religioso.

No Ensino Médio:

- Linguagens e Códigos: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Língua Materna (para populações indígenas) Educação Física, Artes.
- Matemática.
- Ciências Humanas: História, Geografia, Filosofia e Sociologia.
- Ciências da Natureza: Física, Química e Biologia.

O currículo do Ensino Médio Integrado é adaptado com as disciplinas técnicas do curso em andamento, os quais são Técnico em Informática e Técnico em Administração.

O ano letivo é organizado com 200 dias. Para o ensino regular, ele é desenvolvido em 3 trimestres, de 2^{as} às 6^{as} feiras sendo cinco aulas diárias com duração de 55 minutos cada aula. Para a EJA cada etapa conclui-se ao longo de 100 dias letivos, ou seja, um semestre e estão divididos em 2 bimestres. Assim, num ano, o aluno consegue cursar duas etapas.

Em se tratando de uma carga horária reduzida, o currículo da modalidade EJA é diferenciado, embora contemple todas as disciplinas supra citadas, mesmo que não seja correspondente à mesma série.

Como nosso objeto de estudo são os 3^{os} anos do ensino regular e a 3^a etapa EJA, vejamos como está dividida a carga horária/currículo nestas séries:

Tabela 2 - Currículo e Carga Horária dos 3^{os} Anos Regulares e 3^a etapa EJA

Áreas de Conhecimento	Componente Curricular	3º REGULAR MATUTINO		3º REGULAR NOTURNO		3ª ETAPA EJA NOTURNO	
		Aulas Semanais	Carga Horária Anual	Aulas Semanais	Carga Horária Anual	Aulas Semanais	Carga Horária Semestral
Área de Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa	4	160	4	160	4	80
	Educação Física	1	40	-	-	1	20
	Arte	1	40	-	-	-	-
	Língua Inglesa	1	40	1	40	1	20
	Espanhol	2	80	-	-	-	-
Área de Ciências da Natureza	Matemática	4	160	3	120	4	80
	Física	2	80	2	80	2	40
	Química	2	80	2	80	2	40
	Biologia	2	80	2	80	2	40
Área de Ciências Humanas	História	2	80	2	80	-	-
	Geografia	2	80	2	80	2	40
	Sociologia	1	40	1	40	1	20
	Filosofia	1	40	1	40	1	20

Fonte: Organização Curricular da Educação Básica – 2015

Observamos muitas diferenças tanto no currículo quanto na carga horária nas três séries expostas. O Currículo mais completo é o do 3º Ano Regular do turno Matutino. Possui todas as disciplinas e uma carga horária considerada satisfatória.

Percebemos que o mesmo 3º Ano Regular, no turno Noturno, perde tanto carga horária quanto disciplinas do currículo. Nele não estão contempladas as disciplinas Educação Física, Arte e Espanhol, a ainda a carga horária da disciplina Matemática é reduzida.

Quando observamos a 3ª etapa EJA, verificamos que há uma perda ainda mais considerável de carga horária e disciplinas do currículo em relação à turma do 3º Ano Regular Matutino. A organização curricular desta série não contempla

as disciplinas de Arte, Espanhol e História, e a carga horária semanal, embora seja semelhante nas disciplinas contempladas, é muito menor ao fim do curso, uma vez que a turma da EJA encerra suas atividades semestralmente, e não anualmente como no Ensino Regular.

4.1.6 Os Professores

A EEEFM “Primo Bitti” possui 58 professores atuando nas diversas modalidades de ensino que oferece. Os professores efetivos da rede estadual de ensino que atuam na escola somam 20 profissionais que corresponde a 34,48% do número de profissionais docentes, e os demais, 38 professores que equivale a 65,52%, são contratados como DT’s. Porém, todos eles são especialistas e ainda 3 deles possuem pós graduação *Stricto Sensu*. A maioria destes profissionais atuam na área de sua formação.

Como investimento na capacitação dos seus professores, gestora e pedagogas da EEEFM “Primo Bitti” utilizam os horários de planejamento dos docentes por área para estudo de textos e relatos de casos relacionados à prática pedagógica. Há também os dias previstos em calendário letivo para a Jornada de Planejamento Pedagógico, quando são estudados os documentos elaborados pela SEDU Central e escola com vistas à análise dos resultados da aprendizagem do ensino ministrado.

Quanto ao corpo docente que atua nas turmas pesquisadas, os professores dos 3º anos regulares do turno matutino são efetivos em sua maioria, tais como os que atuam nas seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química, História, Biologia, Arte e Sociologia. As demais disciplinas, tais quais Língua Inglesa, Espanhol, Geografia, Educação Física e Filosofia são ministradas por professores DT’s.

Já o quadro de professores que atuam no turno noturno nesta série é diferente. Apenas são efetivos os professores de Língua Portuguesa, Geografia e Química. Os que ministram as demais disciplinas são DT’s. Vale ressaltar que não há também aula de Espanhol no noturno.

Quanto a turma da 3ª etapa EJA, há apenas 1 professor efetivo, o qual ministra aula de Química. Todos os outros professores são DT’s.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo trata da análise dos dados obtidos por meio dos questionários respondidos pelos alunos e professores envolvidos na pesquisa. Iniciamos traçando um perfil dos colaboradores. Em sequência, destacamos a utilização e opinião acerca da linguagem virtual cotidianamente e nas atividades escolares, e por fim, a exposição e dos resultados obtidos com as atividades propostas aos alunos, cuja finalidade é inferir a influência da linguagem virtual nas atividades escolares.

5.1 PERFIL DOS COLABORADORES DA PESQUISA

As primeiras perguntas do questionário dos alunos dos professores foram destinadas a traçar um perfil para que pudéssemos conhecer os colaboradores da pesquisa.

5.1.1 Perfil dos Alunos dos 3^{os} anos do EMR e da 3^a etapa EJA

O ensino regular contempla os alunos que estão no período normal do ensino básico. Geralmente estão na faixa etária condizente a série ou um pequeno atraso por perder algum ano anterior, geralmente entre 15 e 18 anos. Os alunos do ensino regular envolvidos na pesquisa somam 56 estudantes, sendo 38 no turno matutino e 18 no turno noturno.

Na modalidade EJA a situação pode ser diferente. Podem ingressar nesta modalidade de ensino os alunos que forem maiores e sem limite de idade máxima, desde que tenha cumprido a escolarização pré-requisito para cursarem esta série. Foram 28 alunos da 3^a etapa EJA que participaram da pesquisa, todos da mesma turma do turno noturno.

Eles responderam ao questionário (APÊNDICE C) por meio do qual foi possível levantar dados que se referem a: moradia; nível sociocultural; idade; se

possuem redes sociais e aplicativos de relacionamento em celulares veiculados pela *internet* e se trabalham de forma remunerada. O perfil será apresentado por meio de gráficos que contemplam as respostas e descrevem o perfil dos alunos.

O Gráfico 1 aponta a localização domiciliar de cada estudante. Este dado é importante, pois as comunidades ao entorno da escola possuem características sociais e culturais diversas. Temos aldeias indígenas, comunidades litorâneas, comunidades que se caracterizam por menor poder aquisitivo, como também comunidades elitizadas, como é o caso do bairro Coqueiral onde a escola está inserida.

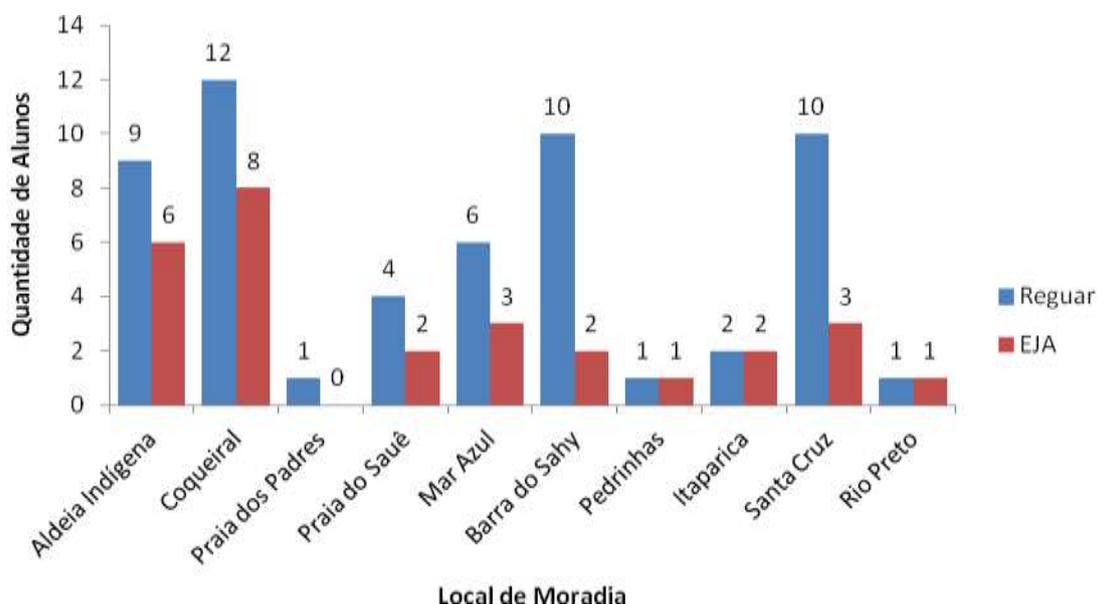


Gráfico 1 – Localização domiciliar dos alunos dos 3^{os} anos do Ensino Regular e 3^a etapa EJA

Fonte: da pesquisadora, 2015

O Gráfico 1 desvela que os alunos pesquisados moram em locais distintos. Quando nos referimos à Aldeias Indígenas, nos referimos a 4 comunidades que se enquadram nesta posição. São 9 alunos do ensino regular que residem em aldeias indígenas e isto corresponde a 16,07% e 6 alunos da EJA, o que corresponde a 21,43% dos alunos envolvidos na pesquisa.

Em Coqueiral residem 12 alunos do ensino regular que equivalem a 21,43%, enquanto os alunos da EJA somam um total de 8 alunos que corresponde a 28,57% do total dos estudantes pesquisados.

Abrigando 1 aluno do ensino regular, estão as comunidades Praia dos Padres, Pedrinhas e Rio Preto. Portanto, em cada uma delas podemos afirmar que estão 1,78% dos 56 alunos, sujeitos desta pesquisa. Semelhantemente, estas comunidades também abrigam 1 aluno da modalidade EJA, exceto em Praia dos Padres. Isto corresponde a 3,57% do total de 28 alunos que contribuíram com o estudo.

Em Praia do Sauê, local que carrega um estigma de abrigar pessoas de baixa renda e com vulnerabilidade social, moram 4 alunos do ensino regular que espelham 7,14% do total de estudantes. Abriga também 2 alunos da EJA que correspondem ao mesmo percentual dos alunos do regular: 7,14%

Na comunidade Mar Azul moram 6 dos alunos pesquisados do ensino regular e 3 alunos da EJA. Estes são proporcionais a 10,71% do total dos educandos em ambas as situações.

As comunidades litorâneas Barra do Sahy e Santa Cruz que são bem conceituadas no município por possuírem belas praias e serem referências no turismo aracruzenso, abrigam, em cada uma delas, 10 alunos do ensino regular, o que corresponde a 17,85%. Nestes mesmos locais moram 5 alunos da modalidade EJA, sendo 2 em Barra do Sahy e 3 em Santa Cruz, os quais equivalem a 7,14% e 10,71% respectivamente.

No bairro Itaparica, cuja marca se assemelha à Praia do Sauê, residem 2 alunos tanto do regular, quanto da EJA, os quais refletem 3,57% e 7,14% do total da amostra respectivamente.

Vale ressaltar que as demais comunidades foram contempladas no questionário, porém, como não há nenhum aluno envolvido na pesquisa que declarou ser residente nelas, optamos por não colocá-las no gráfico.

O Gráfico 2 sinaliza a quantidade de alunos que possuem e fazem o uso de redes sociais veiculados por meio da *internet*.

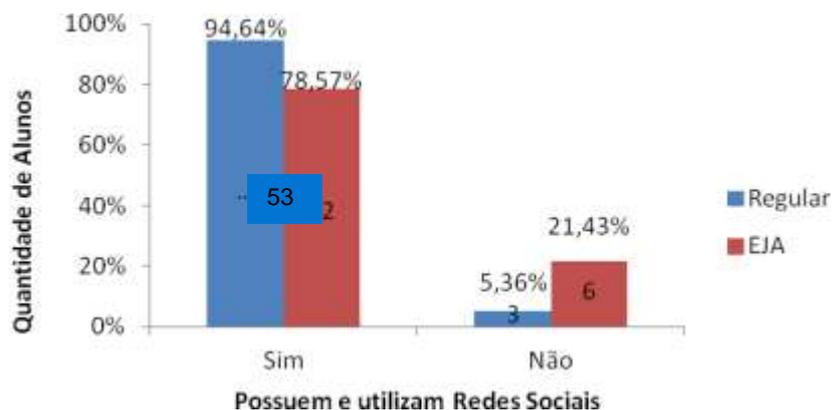


Gráfico 2 – Posse e utilização de redes sociais veiculadas pela *internet*.

Fonte: da pesquisadora, 2015

O Gráfico 2 revela que apenas 5,36% dos alunos dos 3^{os} anos do EMR não fazem o uso de redes sociais, enquanto com os alunos da EJA esta estatística aumenta para 21,43%. Isto é equivalente a 3 e 6 estudantes, respectivamente. Porém, em contrapartida estão os outros 94,64% que possuem e utilizam as redes sociais no ensino regular, que somam 53 estudantes. Já na EJA eles correspondem a 78,57%, ou seja, e 22 alunos. Observamos então que independente da comunidade em que o aluno reside, este tem acesso a *internet* e a todos os recursos que ela pode oferecer.

O Gráfico 3, apresenta a utilização do aplicativo de relacionamento disponível em celulares e *tablets* também veiculados pela *internet*.

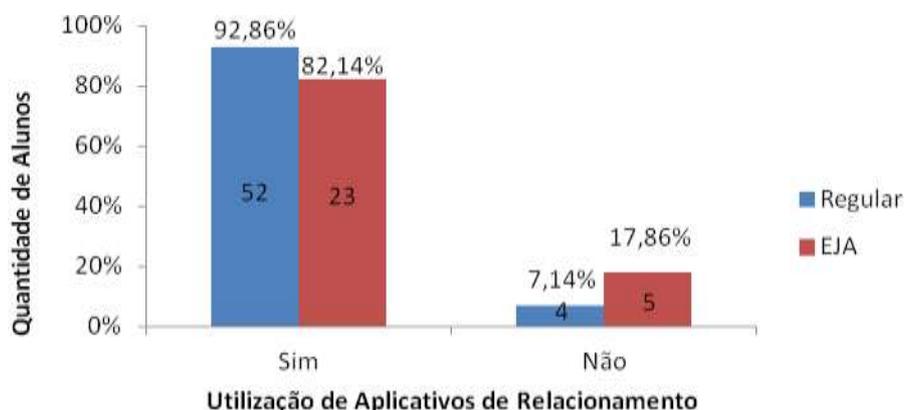


Gráfico 3 – Posse e utilização de Aplicativos de Relacionamento veiculados pela *internet*.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Como exposto no Gráfico 3, 52 dos alunos do ensino regular e 23 da modalidade EJA envolvidos na pesquisa possuem e utilizam aplicativos de relacionamento. Esta quantidade de alunos corresponde a 92,86% no regular e 82,14% na EJA. Por outro lado, somente 4 alunos do regular e 5 da EJA não possuem e nem utilizam esta tecnologia. Isto equivale a 7,14% do total de 56 estudantes no regular e 17,86% do total de 28 alunos da EJA.

O Gráfico 4 confirma que a maioria dos estudantes que frequentam o 3º ano do Ensino Regular possuem entre 16 a 19 anos, o que configura nenhum ou pouco atraso em sua vida escolar. O que nos surpreendeu foi esta situação também ser semelhante na 3ª etapa EJA.

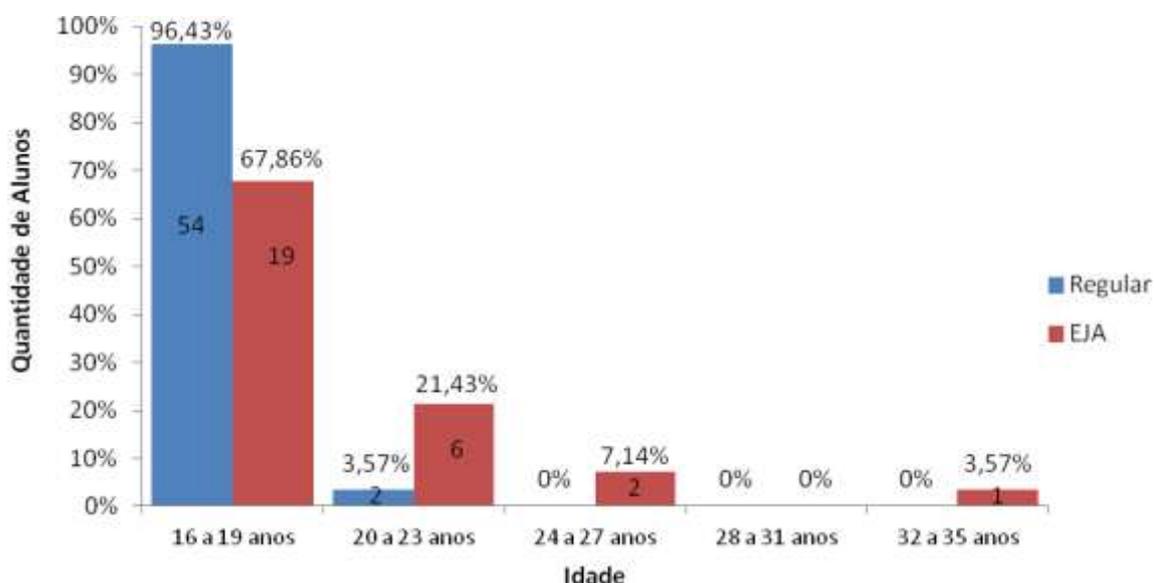


Gráfico 4 – Idade dos alunos dos 3ºs Anos do Ensino Regular e 3ª etapa EJA

Fonte: da pesquisadora, 2015

Como revela o Gráfico 4, apenas 2 alunos (3,57%) estão com a idade avançada em relação à faixa etária para cursar a série em questão, enquanto 54 (96,43%) deles estão na idade correta ou com pouco atraso. Esta realidade é similar aos alunos da EJA, uma vez que 19 estudantes (67,86%), a maioria, não está muito defasada em relação à idade, embora todos eles sejam maiores, já que cursam a EJA. Contudo, 6 alunos declararam ter a idade entre 20 e 23 anos, o que corresponde a 21,43%, 2 alunos declararam ter a idade

entre 24 e 27 anos, que equivale a 7,14% e 1 aluno declarou ter entre 32 e 35 anos, ou seja, 3,57% do total de 28 alunos envolvidos na pesquisa.

Por fim, o gráfico 5 remete à última pergunta referente ao perfil destes alunos. Ele desvela a quantidade de alunos envolvidos na pesquisa que trabalham de forma remunerada.

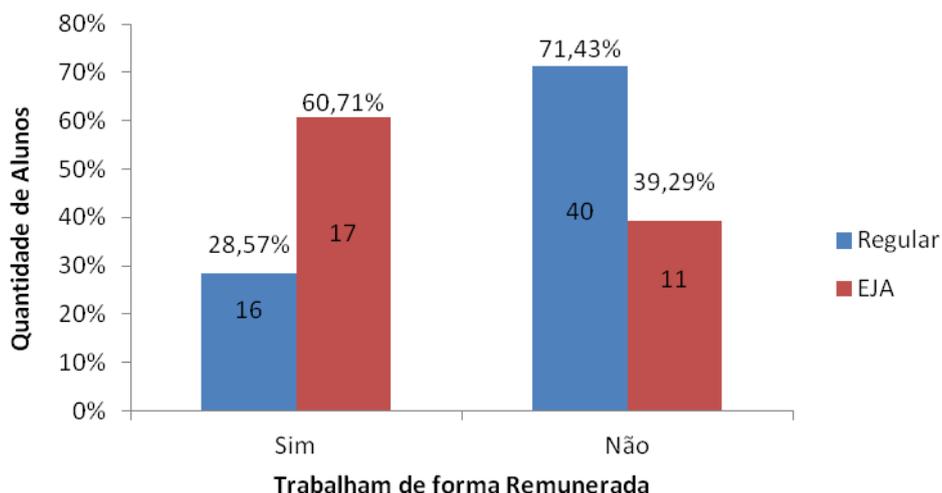


Gráfico 5 – Quantidade de alunos que trabalham de forma remunerada

Fonte: da pesquisadora, 2015

Observamos neste Gráfico uma diferença considerável entre os alunos do Ensino Regular e os alunos da modalidade EJA. 16 dos alunos dos 3^{os} anos do Ensino Regular envolvidos na pesquisa trabalham, o que equivale a 28,57%, já com os alunos da 3^a etapa EJA esta realidade muda. Estes somam 17 alunos que trabalham, ou seja, 60,71%. No Ensino Regular, em sua maioria estão os alunos que não trabalham de forma remunerada, somando 40 alunos (71,43%) do total de estudantes, em contrapartida estão a minoria dos alunos da EJA que somam 11 alunos (39,29%). Portanto, mesmo os alunos que não trabalham, possuem *internet* a seu alcance.

5.1.2 Perfil dos Professores de Língua Portuguesa que atuam nos 3^{os} anos do EMR e 3^a Etapa EJA

São 3 as professoras de Língua Portuguesa que atuam nas turmas pesquisadas. As chamaremos de Professora 1, Professora 2 e Professora 3. A Professora 1 ministra suas aulas aos alunos do 3^o Ano Regular Matutino. A Professora 2 leciona ao 3^o Ano Regular Noturno e a Professora 3 atua na 3^a etapa da modalidade EJA.

Assim como os alunos, elas responderam a um questionário (APÊNDICE D) com o qual foi possível delinear um perfil geral de cada uma, cujo intuito é desvelar idade, se possui e faz o uso de aplicativos de relacionamento e/ou redes sociais, maior formação e vínculo com a escola. Estes dados serão apresentados por meio de tabela.

Tabela 3 – Respostas das Professoras envolvidas na Pesquisa

	PROFESSORA 1	PROFESSORA 2	PROFESSORA 3
Possui e utiliza algum Aplicativo de Relacionamento ou Rede Social	Sim	Sim	Sim
Idade	Entre 44 e 47 anos	Entre 40 e 43 anos	Entre 48 e 51 anos
Maior Formação	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>
Vínculo com a EEEFM “Primo Bitti”	Efetiva	Efetiva	DT

Fonte: Questionário aplicado às professoras em 01/10/2015 (APÊNDICE D)

Há muitas semelhanças entre as três professoras que contribuíram com a pesquisa, apenas apresentam diferenças estão na idade e no vínculo com a escola.

Ao analisarmos a tabela, verificamos que todas elas possuem e utilizam algum aplicativo de relacionamento e/ou redes sociais que são veiculadas pela *internet*. Isto comprova que elas compreendem bem a linguagem virtual utilizada neste ambiente.

Outro fator que observamos é que todas elas possuem curso de especialização, a pós-graduação *Lato Sensu*, o que demonstra que estão **teoricamente** aptas para exercerem o magistério. Na idade, contudo, há um fator importante a se observar: todas elas têm mais de 40 anos, o que comprova que elas precisaram de se adaptar às novas tecnologias.

Finalizando esta análise, desvelamos que as duas professoras que atuam no Ensino Regular são efetivas, enquanto a que atua com a 3ª etapa EJA ocupa esta função de forma temporária, ou seja, ela é DT.

5.2 LINGUAGEM VIRTUAL: UTILIZAÇÃO E OPINIÃO

As demais perguntas do questionário dos alunos e dos professores contemplam informações sobre a utilização e opinião acerca da linguagem virtual tanto fora, quanto dentro do ambiente escolar.

5.2.1 Dos alunos envolvidos na pesquisa

Questionamos aos alunos qual a forma de comunicação que mais utilizam, por quanto tempo utilizam a linguagem virtual diariamente, qual a opinião sobre este tipo de linguagem e se a consideram útil para a execução de atividades escolares. Os resultados estão a seguir.

A sétima pergunta buscou desvelar qual o tipo de comunicação que os colaboradores da pesquisa mais utilizam no seu cotidiano. Ela será apresentada por meio ao Gráfico 6.

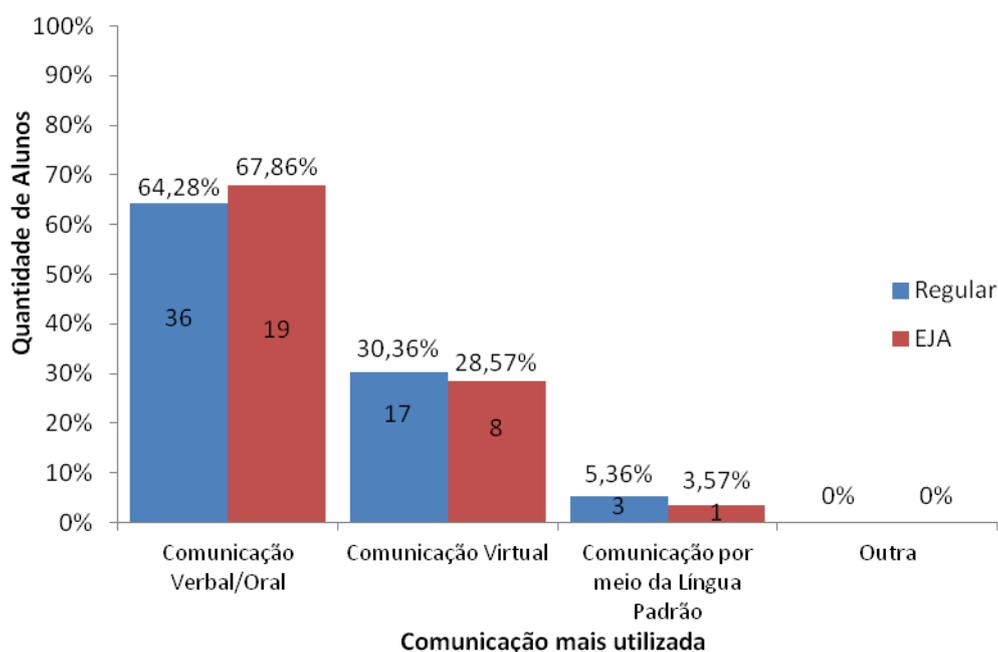


Gráfico 6 – Tipo de comunicação mais utilizada pelos alunos

Fonte: da pesquisadora, 2015

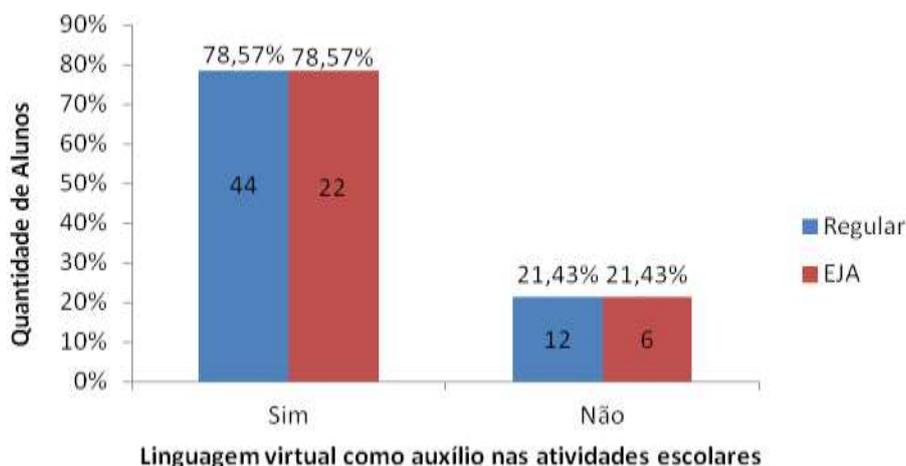
Ao analisarmos as respostas dos alunos, podemos concluir que a maioria dos estudantes do 3º Ano EMR e da 3ª etapa EJA ainda consideram que utilizam a comunicação por meio verbal/oral. São 36 alunos do EMR (64,28%) e 17 alunos da EJA (67,86%) que assinalaram esta alternativa. Vale ressaltar que a linguagem virtual também é considerada verbal, por se tratar da comunicação por meio de palavras, porém, ela não é oral, por se tratar de uma comunicação escrita, mesmo que, muitas vezes, reproduza a fala.

A comunicação virtual, por sua vez, atingiu 30,36% de praticantes do 3º Ano do EMR, o que corresponde a 17 alunos pesquisados, enquanto na 3ª Etapa EJA foram 8 alunos que declararam utilizar mais a comunicação virtual no seu dia-a-dia, que equivale a 28,57%.

A Comunicação por meio da língua-padrão nacional alcançou um percentual de 5,36% pelos alunos do 3º Ano do EMR (3 alunos) e 3,57% pelos alunos da 3ª Etapa EJA (1 aluno). Esta estatística nos esclarece que a preocupação em utilizar a norma padrão da Língua Portuguesa diariamente está suprimida a

uma t ene a quantidade de alunos. Nenhuma outra forma de comunica o foi mencionada na pesquisa.

O Gráfico 7 indica a opinião dos alunos acerca da linguagem virtual dentro do ambiente escolar. Foi questionado se eles consideram se a comunica o virtual por meio da linguagem virtual auxilia nas atividades escolares.



Gráfico 7 – Comunica o Virtual por meio da linguagem virtual como auxílio nas atividades escolares.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Observando o resultado exposto no Gráfico 7, encontramos uma coincidência incomum: o percentual de alunos tanto do 3 o Ano do EMR quanto da 3 a Etapa EJA foi exatamente o mesmo. Os dados recolhidos apontam que 78,57% (um total de 44 e 22 alunos respectivamente) dos estudantes consideram que a comunica o virtual por meio da linguagem virtual auxilia nas atividades escolares, assim como a o mesmo percentual nas duas modalidades de ensino, 21,43%, não consideram que a comunica o pode ajudar nas atividades escolares, o que equivale a 12 alunos do 3 o Ano do EMR e 6 alunos da 3 a Etapa EJA. Este resultado se deu por que a pesquisa contemplou precisamente a metade do total de alunos do 3 o Ano do EMR na 3 a Etapa EJA. Foram 56 alunos do 3 o Ano do EMR, enquanto na EJA foram 28 alunos.

Também indagamos sobre a opinião de cada estudante sobre a comunicação virtual por meio da linguagem virtual, cujo resultado está contido no Gráfico 8.

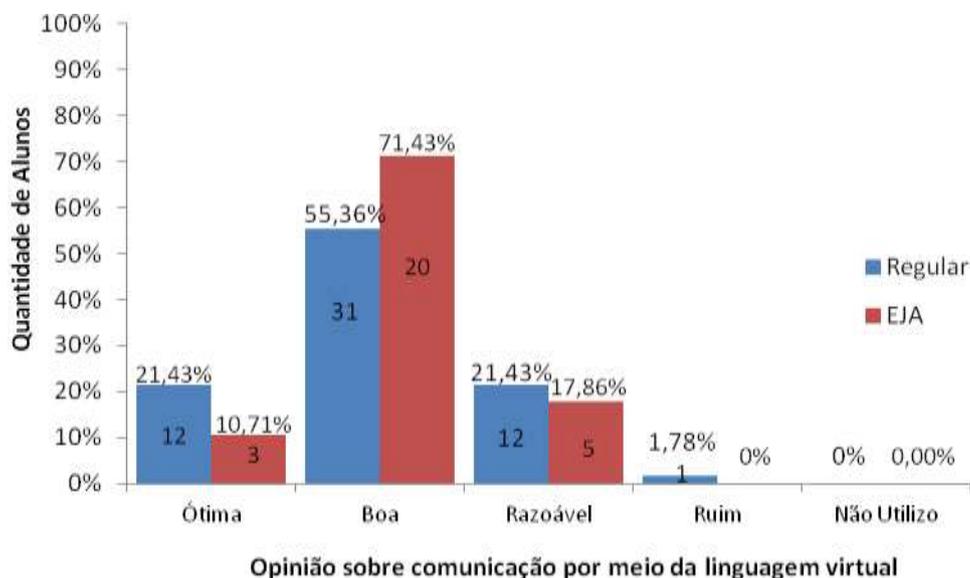


Gráfico 8 – Opinião dos alunos sobre a comunicação por meio da linguagem virtual.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Como exposto no Gráfico 8, a comunicação virtual por meio das linguagem virtual é considerada ótima por 12 alunos do 3º Ano do EMR, ou seja, 21,43%, e 3 alunos da 3ª Etapa EJA, que totaliza 10,71%. A maioria dos alunos colaboradores da pesquisa optou por considerar boa a comunicação por meio da linguagem virtual. Foram 31 alunos do 3º Ano do EMR e 20 alunos da 3ª Etapa EJA, que equivalem a 55,36% e 71,43% respectivamente que apontaram esta alternativa.

Consideram razoável a comunicação por meio da linguagem virtual 12 estudantes do 3º Ano do EMR, isso corresponde a 21,43%. Este é o mesmo percentual dos alunos que consideram este tipo de comunicação ótima. Na EJA, por sua vez, 5 alunos (17,86%) veem a comunicação por meio da linguagem virtual como razoável. Apenas 1 aluno do 3º Ano do EMR considera ruim esta forma de se comunicar.

A décima e última pergunta do questionário, representada pelo Gráfico 9, indaga o período em que os alunos envolvidos na pesquisa se dedicam ao uso da comunicação virtual.

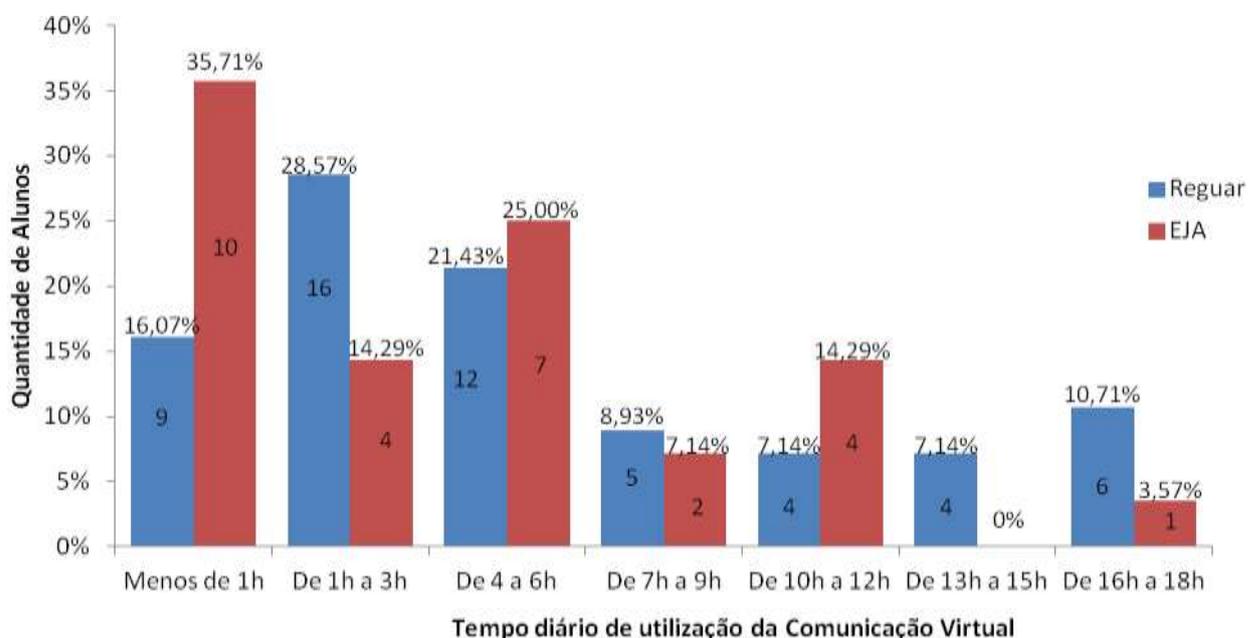


Gráfico 9 – Tempo diário da utilização da Comunicação Virtual pelos alunos envolvidos na pesquisa.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Ao analisarmos os dados expostos no Gráfico 9, podemos destacar como relevante a utilização da comunicação virtual no tempo inferior a 1h diária de 35,71% dos alunos da 3ª Etapa EJA se contrapondo a 16,07% dos alunos do 3º Ano do EMR. Eles somam 10 e 9 alunos, respectivamente.

Permanecendo conectados e se comunicando no ambiente virtual de 1 a 3 horas por dia estão 16 alunos do 3º Ano do EMR e 4 alunos da 3ª Etapa EJA, o que corresponde 28,57% e 14,29%, respectivamente.

Declararam ainda utilizar a comunicação virtual entre 4 e 6 horas diárias, 12 alunos do 3º Ano do EMR (21,43%) e 7 alunos da 3ª Etapa EJA (25,00%). Outros 5 alunos do 3º Ano do EMR (8,93%) e 2 alunos da 3ª Etapa EJA (7,14%) apontaram a utilização desta comunicação entre 7 e 9 horas diárias.

Vimos, então, maior incidência da utilização da comunicação virtual pelos alunos da modalidade EJA entre 4 e 6 horas diárias em contraposição com a utilização em maior escala da modalidade regular entre 7 e 9 horas por dia.

Analisando ainda os dados coletados, detectamos que entre 10 e 12 horas diárias, a modalidade EJA também se sobressai. São 4 alunos que utilizam a comunicação virtual (14,29%) em contraste ao mesmo número de alunos do regular, porém que totaliza 7,14%. Por outro lado, quando inferimos a análise da utilização desta comunicação entre 13 e 15 horas por dia, observamos que nenhum dos alunos da modalidade EJA declarou que dedica este tempo se comunicando virtualmente, enquanto na modalidade regular, 4 alunos (7,14%) afirmam dispensar este tempo no ambiente virtual.

Por fim, o tempo verificado acerca do uso da comunicação virtual foi o período de 16 a 18 horas por dia. Dos alunos colaboradores do estudo do 3º Ano EMR, 6 (10,71%) afirmaram que empregam este tempo diário às conversas virtuais, enquanto 1 aluno (3,57%) declara que dedica este tempo fazendo o uso da comunicação por meio de internet.

Os dados supra apresentados servem para concretizar a ideia de que a linguagem virtual está presente na vida dos jovens/adultos estudantes em grande proporção. Pudemos perceber mediante às respostas do questionário que mesmo tendo as responsabilidades de adulto, tais quais trabalho, mantenedores de famílias, os alunos da modalidade EJA estão envolvidos no ambiente virtual tanto quanto os alunos mais jovens do EMR.

Segue agora a visão dos professores destes alunos em relação ao uso da linguagem virtual e sua influência na norma padrão da Língua Portuguesa.

5.2.2 A visão dos Professores de Língua Portuguesa e o uso da linguagem virtual em atividades escolares

As 3 professoras colaboradoras do estudo responderam a um questionário (APÊNDICE D) que continha perguntas abertas acerca do uso da linguagem virtual no âmbito de opinião e influência desta nas atividades escolares dos

alunos. Elas são as Professora 1, Professora 2 e Professora 3, como tratadas acima.

No questionário, a pergunta 6 busca entender, sob o olhar das professoras de Língua Portuguesa, se a utilização da internet em redes sociais e aplicativos de celular podem refletir na escrita. Todas as professoras corroboram com a ideia de que a linguagem virtual reflete sim na escrita.

A Professora 1 defende que é quase impossível desvincular o estudo da escrita das redes sociais. Ela alega que os alunos leem e escrevem usando essa ferramenta e que este é “um caminho sem volta”. Entretanto afirma veemente que os estudantes precisam saber diferenciar a escrita formal da informal.

A Professora 2 declara que quando o indivíduo faz uso de uma forma de comunicação que exige rapidez, acaba por acostumar-se com formas mais simples de escrita. Aponta que as redes sociais também facilitam a criação e divulgação de gírias e neologismos e que recebe influências de outras línguas, principalmente a inglesa. A consequência disso é a interferência tanto na escrita quanto também na fala.

A Professora 3, sucintamente esclarece que os “vícios” da linguagem virtual aparece sempre na escrita dos alunos em atividades escolares.

Por meio destas respostas, observamos que a linguagem virtual tem se infiltrado nas na escrita e que esta influência tende a estar mais visível à medida em que os alunos tem mais contato com redes sociais e aplicativos de relacionamento.

A pergunta seguinte trata da influência da linguagem virtual nas atividades escolares. Todas as professoras envolvidas na pesquisa visualizam em suas atividades em sala de aula incidências da linguagem virtual nas atividades escritas propostas aos alunos. Daremos destaque a resposta da Professora 2:

Sim, os/as alunos/as fazem uso da linguagem virtual em sala de aula. Observo algumas, porém poucas, incidências de abreviações, uso inadequado do infinitivo e a supressão ou o exagero na acentuação das palavras como mais recorrentes.

Com o relato da Professora 2, observamos que os alunos utilizam a linguagem virtual, entretanto em pequena proporção. Ela cita algumas das mais comuns situações que aparecem nas atividades propostas em sala.

A questão 8, procura compreender se o uso da linguagem virtual em meio a atividades que exijam a norma culta da Língua Portuguesa pode prejudicar o rendimento do aluno.

A Professora 1 alega que esta é uma questão de adequação:

É uma questão de adequação. O professor tem que deixar claro que tal atividade deve ser feita utilizando a norma culta ou no caso de uma atividade que se use as variedades linguísticas é perfeitamente aceitável que o aluno use a linguagem virtual sem que seja prejudicado por isso.

Olhando por este prisma, entendemos que a atividade precisa ser bem definida para que não haja influência da linguagem virtual. Estando bem definida pelo professor e, ainda assim, o aluno optar por utilizá-la em detrimento ou não da norma culta da Língua Portuguesa, neste caso pode haver prejuízo em seu rendimento.

Já a Professora 2 levanta outro ponto importante acerca desta questão:

Se a situação exige a forma culta da língua, o uso da linguagem virtual será inadequado e pode prejudicar o/a aluno/a, caso a atividade seja avaliativa. Porém, não acredito que possa prejudicar diretamente na formação do/a aluno/a, pois a comunicação na atualidade permite tais usos. Também, se considerarmos que o/a aluno/a está em formação de suas habilidades comunicativas e linguísticas, devemos esperar que estes/estas amadureçam e, com a ajuda da escola, consigam distinguir as necessidades comunicativas exigidas nas relações interpessoais na sociedade.

Considerando a visão desta professora, percebemos a sua defesa em relação ao uso da linguagem virtual em atividades escolares. Ela acredita que esta utilização não seja de fato prejudicial à formação intelectual do aluno, uma vez que este ainda está em formação linguística e que futuramente, tendo o contato com a norma padrão da Língua Portuguesa por meio da escola, este saberá

distinguir o momento certo a utilizá-las adequadamente de acordo com a situação em que estiver inserido.

Em contrapartida, a Professora 3 afirma que o uso da linguagem virtual em atividades escolares prejudica sim o rendimento do aluno, já que este, por ser estudante da língua padrão dentro do ambiente escolar, deveria saber diferenciar o momento certo de utilizar a linguagem virtual apenas no ambiente que lhe é cabível.

Observamos nesta questão que há diferenças entre a opinião das professoras quanto à utilização da linguagem virtual em atividades escolares, mesmo que todas concordem com a ideia de que ela pode ser prejudicial quando utilizada em ambiente escolar de forma equivocada.

Em sequência, a questão 9 avalia a linguagem virtual em comparação à norma culta da Língua Portuguesa pelo ponto de vista das professoras.

A Professora 1 salienta que a língua culta tem o seu lugar e que o seu uso não pode ser descartado em hipótese alguma. Afirma ainda que a linguagem virtual também é muito interessante e tem o seu lugar, pois é carregada de significados, sentidos e também sentimentos. Finaliza sua exposição insistindo que

[...] mais uma vez é uma questão de adequação e essas regras de como e em qual momento usar tal língua deve ser estabelecida pelo professor e também fazer com que o aluno entenda que há momento em que só a língua culta poderá ser usada.

Neste viés, a Professora 1 deixa claro sua opinião que cabe ao professor estabelecer as regras de quando é permitido, ou não, a utilização da linguagem virtual em atividades escolares que exijam a norma culta da língua oficial nacional.

No entanto, a Professora 2 focaliza novamente o papel da escola que é o de “educar” o aluno, para que este utilize a linguagem virtual adequadamente nas diversas situações de comunicação que o cerca. Enfatiza ainda que a

linguagem virtual e a norma culta da Língua Portuguesa podem caminhar harmonicamente tanto em ambiente escolar como fora dele.

A linguagem virtual é muito dinâmica, aceita inovações e atende às práticas comunicativas dos usuários de redes sociais. A língua culta é pragmática e não dá espaços para inovações do cotidiano dos falantes, é importantíssima para identidade linguística e necessária para garantir um modelo de comunicação sistematizada. Acredito que as duas formas podem conviver harmonicamente e que a escola, na condição de instituição educacional de formação para a vida, deve se empenhar em educar seus alunos e suas alunas para fazerem o uso adequado da língua nas diversas situações comunicativas vivenciadas.

E ainda afirma que a língua culta é necessária para uma comunidade de falantes, já que ela possui o papel de sistematizar a língua e padronizá-la, mas defende também que a linguagem virtual é dinâmica e pode ser muito bem representada e utilizada sem prejudicar o ensino da língua-padrão.

A Professora 3, contudo, avalia que “as pessoas não têm o cuidado ao escrever em linguagem virtual e fazem o mesmo quando têm que produzir um texto em linguagem culta.” Por isso, não julga conveniente que as duas formas de linguagem possam conviver juntas em ambiente escolar.

Ao observarmos essas afirmações vislumbramos duas formas de pensar diferentes de cada professora. As Professoras 1 e 2, embora entendam a linguagem virtual como uma ferramenta de comunicação apropriada para o ambiente virtual e, consideram-na, por vezes, até utilizável em ambiente escolar, cabendo ao professor e a escola, delimitar o momento em que esta pode ser utilizada. Por outro lado, a Professora 3 não concorda com a inserção da linguagem virtual em ambiente escolar. Ela defende que os alunos não sabem diferenciar o momento em que podem dispor desta ferramenta de comunicação.

A última pergunta do questionário abre espaço para que as professoras exponham algo mais que considerem relevante acerca do tema.

A Professora 1 deixa sua contribuição trazendo à tona o nosso tema. Ela, em seu relato, faz o uso da abreviação “pq” em detrimento da palavra “porque”:

Para mim, é uma língua que está no cotidiano dos nossos alunos e no nosso cotidiano também. Obviamente algumas expressões usadas já nascem com um prazo **pq** é como uma gíria. Cada momento histórico tem a sua forma de se expressar e com isso tem umas expressões que permanecem e passam a fazer parte do dicionário e tem outras que “morrem” antes de ter o seu registro no mundo formal do dicionário. (grifo nosso)

Este exemplo afirma que a linguagem virtual está sendo agregada à norma culta da Língua Portuguesa, a ponto de uma professora nem perceber que a utilizou quando, neste questionário, a norma culta deveria ser priorizada.

Levando em consideração agora a sua contribuição enquanto professora acerca do tema, a Professora 1 sinaliza que muitas expressões utilizadas na linguagem virtual tendem a desaparecer com o tempo, assim como uma gíria. Elas podem ou não, serem eternizadas com registros formais no dicionário, contudo, podem se perder no decorrer da história.

A Professora 2 também expôs sua contribuição:

Na condição de professora de Língua Portuguesa, observo que o contato com a linguagem virtual é útil para agilizar a comunicação. Observo os exageros e omissões na escrita como forma de expressão de sentimentos e emoções, e acredito que esta potencialidade deva ser explorada pela escola como meio de auxiliar o/a aluno/a na construção de sua identidade comunicativa a fim de que haja amadurecimento linguístico ao ponto deste/a utilizar com coerência as várias formas e possibilidades da língua.

Em conformidade com todas as demais perguntas respondidas pela Professora 2 em defesa do uso da linguagem virtual na escola partindo do princípio que esta pode ser uma forma de expressão do aluno, podendo ser aproveitada e explorada como uma fonte auxiliar para a construção e definição do seu caráter comunicativo e linguístico. Ela acredita que a escola pode contribuir com tal formação conscientizando o aluno na utilização da linguagem padrão assim como todas as outras formas comunicativas da Língua Portuguesa.

Por fim, a Professora 3 contribui destacando que “não podemos deixar de utilizar a linguagem virtual, mas mostrar como esses ‘erros’ podem nos prejudicar e denegrir uma imagem profissional.” Ela aponta a necessidade de

manter a norma culta da Língua Portuguesa como o foco principal no ambiente escolar, pensando na vida profissional do aluno, uma vez que estamos tratando de séries que estão saindo da educação básica e adentrando no mercado de trabalho. Segundo ela, o uso da linguagem virtual pode prejudicar e até denegrir a reputação profissional do indivíduo quando esta for aplicada em detrimento à norma culta.

Observando o relato das professoras envolvidas na pesquisa, podemos concluir que há a influência da linguagem virtual nas atividades escolares. E isso é o que vamos tratar a seguir.

5.3 ANÁLISE DAS ATIVIDADES ESCOLARES

Todas as atividades propostas foram escritas livremente pelos alunos, sem quaisquer interferências do professor quanto a certo ou errado. As professoras de Língua Portuguesa, previamente avisadas, nos cederam as aulas para que pudéssemos realizar a pesquisa. Vale ressaltar que, embora eu atue com a Língua Inglesa no ano corrente e conheça a todos os envolvidos na pesquisa, também sou professora de Língua Portuguesa e atuo nesta instituição de ensino há 8 anos. Por este motivo este tema contribui para minha formação e para minha prática em sala de aula.

Foram 5 atividades propostas, as quais serão analisadas em sequência.

A primeira atividade proposta foi uma redação com o tema livre, em que o aluno pode escolher sobre qual assunto dissertar. Foram 38 alunos do 3º Ano do EMR que escreveram sobre temas diversos, tais quais Meio Ambiente, Política, Violência, Educação, Preconceito Racial, dentre tantos outros. Nesta atividade nenhum aluno fez o uso da linguagem virtual nos textos produzidos.

Semelhantemente, os alunos envolvidos na pesquisa da 3ª Etapa EJA puderam escolher os temas para escreverem, e estes foram bem similares aos assuntos escolhidos pelos estudantes do 3º Ano do EMR. Em análise aos 18 textos recolhidos, também não encontramos qualquer interferência da linguagem virtual nas produções feitas pelos alunos.

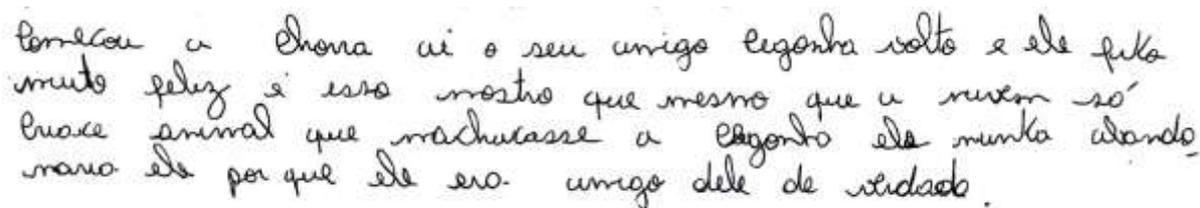
A segunda atividade trata-se de outra redação, entretanto com o tema definido: Maioridade Penal. Os estudantes do 3º Ano do EMR somaram 42 alunos participantes da produção do texto e assim como a atividade anterior não observamos o uso da linguagem virtual inserida em nenhuma produção analisada. Na turma da EJA, como na atividade anterior, obtivemos a totalidade de alunos produzindo a redação. Não verificamos também a colocação da linguagem virtual em nenhum texto.

As duas atividades acima tinham um caráter mais formal, por se tratar da produção de redações. Tais produções acarretam uma responsabilidade implícita por parte dos alunos, já que este gênero textual é cobrado em ENEM, Vestibulares e demandam uma atenção considerável dos estudantes.

Um pouco menos formal, propomos a terceira atividade que foi a reprodução da letra de uma música da preferência de cada aluno. Realizaram a atividade uma amostra de 49 alunos do 3º Ano do EMR envolvidos na pesquisa. Em apenas um texto foi detectado a presença sutil da linguagem virtual. Trata-se de uma nota musical simbolizando que o texto em questão é uma música.

A mesma atividade foi proposta para os alunos da 3ª Etapa EJA. Todos os 18 alunos colaboradores deste estudo nesta modalidade estavam presentes. Não identificamos qualquer amostra de linguagem virtual no texto escrito pelos alunos.

A quarta atividade foi a reprodução de um pequeno vídeo assistido pelos alunos. Eles tiveram a liberdade de expressarem a aprendizagem adquirida por meio do vídeo ou simplesmente descrevê-lo. Foram 39 alunos do 3º Ano Regular que contribuíram com esta atividade. Nela, encontramos em 2 textos casos de interferência da linguagem virtual. Em um texto foi inserido de um *emoticon* que transmitia o sentimento de alegria. No outro texto, foi detectada a substituição da letra “-c” como fonema /k/ pela letra “-k” e a supressão da semivogal “-u” no final das conforme o trecho selecionado do texto exposto na Figura 6.



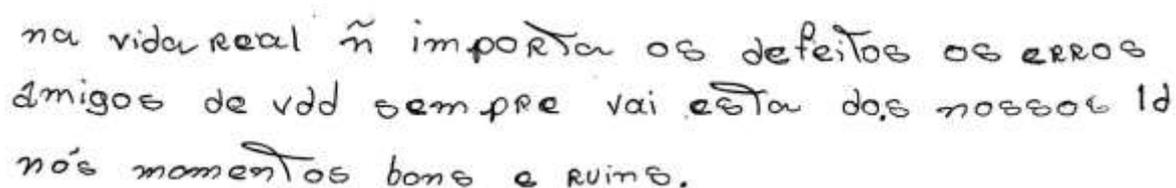
começou a chora aí o seu amigo legouba volto e ele fika muito feliz e esse mostro que mesmo que a nuvem só buaxe animal que machucasse a legonto ele nunca abando nara ele porque ele era amigo dele de verdade.

Figura 6 – Trecho 1 da reprodução de um vídeo em forma escrita.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Observamos as palavras “volto” para voltou, “fiko” para ficou, “mostro” para mostrou e “nunca” para nunca. Estas são as marcas de interferência da linguagem virtual presentes no texto, pois não nos cabe aqui tratar os desvios da Língua Portuguesa em conformidade com língua-padrão.

Na 3ª Etapa EJA a atividade em questão foi realizada por 17 alunos e encontramos em um texto a linguagem virtual presente com abreviações de algumas palavras, conforme o trecho selecionado do texto retratado na Figura 7.



na vida real ã importa os defeitos os erros amigos de vdd sempre vai estar dos nossos ld nós momentos bons e ruins.

Figura 7 – Trecho 2 da reprodução de um vídeo em forma escrita.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Verificamos a presença de abreviações como “ã” para não, “vdd” para verdade, “ld” para lado e também a supressão da letra –r no fim da palavra “esta” para estar. Estas marcas de linguagem são comuns no meio virtual, contudo foram impressas na atividade escrita em sala de aula sem qualquer receio por parte do autor do texto.

A quinta e última atividade proposta foi a elaboração de uma Carta para um Amigo e 46 alunos do 3º Ano EMR deram sua contribuição para a pesquisa nesta atividade. Por ter um caráter menos formal que as demais atividades já tratadas aqui e envolver interlocutores com um certo grau de relacionamento,

mesmo que seja fora do ambiente virtual, encontramos diversas interferências da linguagem virtual nos textos produzidos. Detectamos em 13 textos situações como abreviações, transcrições de oralidade, *emoticons*, interjeições, repetições de vogais, entre outras marcas. Seleccionamos 3 textos para exemplificarmos as referidas interferências representadas pelas Figura 8, Figura 9 e Figura 10.

AMIGAAA, TENHO VÁRIOS BABADOS PARA
TE CONTAR, VOCÊ VAI FICAR DE QUEIXO
CAÍDO, MAS TEM QUE SER PESSOALMENTE,
VEM AQUI EM CASA PRA EU TE CONTAR.
bjos :*

Figura 8 – Produção 1 de uma Carta a um Amigo.

Fonte: da pesquisadora, 2015

No texto exposto na Figura 8 verificamos a repetição de vogais que transmitem a ideia de uma fala contínua e expressiva em “amigaaa”, a abreviação “bjos” para beijo e a transcrição do *emoticon* que também significa “beijo” grafada por meio de pontuação: dois pontos e asterisco “:*“.

Na Figura 9, imagem de um texto, percebemos abreviações, transcrições da oralidade e *emoticons*.

Minhas amigas que amo muito
 eu quero dizer que sem vcs minha
 vida não tem mais sentido. Último ano
 chegando sei que isso não entregava
 o que sinto por vcs por que como
 chegaram em minha vida eu não
 vou deixar vcs saírem de lá pq sou
 muito ciumento.u.u e não vou deixar
 vcs saírem da minha minha vida
 Vou sentir sdds da Tpm de umas (Y)
 Vou sentir sdds de brigas (J)
 Vou sentir sdds dos Carinhos (I)
 Vou sentir sdds da investidas (K)
 Vou sentir sdds da sauseira KKKK (D)
 Mais com isso tudo eu aprendi
 a amar vcs.


 Te Amo
 Amigas

Figura 9 – Produção 2 de uma Carta a um Amigo.
 Fonte: da pesquisadora, 2015

Encontramos como abreviações “vcs” para vocês, “pq” para porque, “sdds” para saudades. Nos deparamos com transcrição de gargalhada por meio da expressão “kkkkk” e também de emoticons como um coração e letras com pontuação descrevendo uma expressão de descontentamento “u.u”.

A Figura 10 registra um texto que possui um misto das marcas de linguagem virtual que já foram mencionadas nos outros dois, porém encontramos algumas diferentes.

É... Oi?
 Então, é eu te escrevo esta carta pq eu estou meio
 sem graça de chegar aí na tua casa:rs
 O motivo, com certeza vc já sab. É sobre tdq aconteceu,
 tipo, independente de vc estar com razão ou ã, se
 estamos errado ou ã, eu quero pelo menos fazer
 a minha parte. Até porq, ficar com raiva d uma
 pessoa ã. pega brr para um cristão né!
 Pssso q me perdoe!
 Bor td q fiz ou falei.
 Bom é isso!
 Fiz a minha parte.
 Qualquer coisa me manda respostas...
 OK, xausinho 😊

Figura 10 – Produção 3 de uma Carta a um Amigo.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Percebemos logo no início do texto o uso de reticências que denota a ideia de que o autor ainda está pensando no que escrever. Em sequência temos abreviações como “pq”, “vc”, “ã”, “td” para tudo, “q” para que, “d” para de, e outras como “sab” para sabe e “porq” para porque. Verificamos o acréscimo da letra –r no fim de uma vogal aberta como em “ér” e a substituição de letras por outras semelhantes como em “xausinho” para “tchauzinho”. Encontramos também a reprodução de um *emoticon* que traduz simpatia “😊”.

Por fim, os textos da 3ª Etapa EJA somaram um total de 17 nesta quinta atividade proposta. Analisando estes textos averiguamos que 5 deles possuíam marcas similares de linguagem virtual que os textos dos 3^{os} Anos do EMR. São elas: abreviações, repetições de vogais, *emoticons* e transcrições da oralidade. Escolhemos um trecho de dois deles que serão expostos por meio da Figura 11 e da Figura 12.

Quero ele encontrar novamente e dividi
momentos muito bom. OPS! MARAVILHOSO!!!
bjs de sua amiga!!

Figura 11 – Produção 4 de uma Carta a um Amigo.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Neste trecho do texto encontramos a transcrição “OPS!” indicando que uma expressão dita anteriormente foi errônea e as abreviações “bjs” para beijos e “amg” para amiga. Há ainda o *emoticon* que indica afeição.

A Figura 12 espelha o trecho de um texto que apresenta duas intercorrências de linguagem virtual.

É pouca coisa mais
é feito com consideração
e carinho!
Abraçoos!!!
😊

Figura 12 – Produção 5 de uma Carta a um Amigo.

Fonte: da pesquisadora, 2015

Detectamos nesta produção a repetição de vogal dando ênfase e prolongando o sentido que ela possui como se fosse um longo abraço transmitido pela expressão “abraçoos” e também a inserção de um *emoticon*, que traduz alegria “😊”.

Observamos que na atividade 5 apareceram mais ocorrências do uso da linguagem virtual. Atribuímos isso à ideia de que uma carta a um amigo não demanda muita formalidade e nem a preocupação com a norma culta da Língua Portuguesa, pois trata-se de um relacionamento mais íntimo e descontraído, mesmo que esta atividade tenha sido proposta em ambiente escolar, local onde a norma culta deve ser priorizada.

Por meio das análises feitas em cada uma das atividades produzidas pelos alunos, consideramos que tanto os alunos do 3º Ano do EMR quanto os alunos da 3ª Etapa EJA utilizam a linguagem virtual, porém de uma forma tímida e comedida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste trabalho identificar se o uso da linguagem virtual está influenciando na escrita dos alunos dos 3^{os} Anos do EMR e da 3^a Etapa EJA em ambiente escolar, nas atividades que exijam a norma culta da Língua Portuguesa, pois entendemos que a crescente abrangência da *internet* no cotidiano dos estudantes, proveniente de redes sociais e aplicativos de relacionamento, tem trazido inovações na escrita que podem refletir nas atividades escolares.

Intentamos também fazer uma pesquisa de cunho teórico para compreendermos a gênese da comunicação humana por meio da linguagem, tendo como ponto de partida o estudo da evolução da espécie humana, passando por suas etapas sequenciais até culminar na etapa verbalizada, ou seja, até o momento em que a linguagem passou a integrar a natureza do homem.

Neste contexto, dotado de peculiar inteligência, o homem cria novas tecnologias, dentre elas a internet, a qual, indiscutivelmente, merece destaque considerável. Explico: a possibilidade de se comunicar e se relacionar com outrem, por intermédio desse novo mecanismo, fez surgir as redes sociais e aplicativos de relacionamento que estão à disposição da sociedade em grande escala e acessível a muitos. Assim, a linguagem virtual, por ser dinâmica e até instantânea, ocupa um grande espaço na vida das pessoas, atingindo qualquer idade gênero e etnia. Desta forma, estaria também presente em atividades escolares.

Com a finalidade de situar, não apenas geograficamente, mas social e culturalmente o objeto da pesquisa, apresentamos também breve relato acerca do município de Aracruz/ES, o qual explica a diversidade e a multipluralidade - na acepção mais abrangente do termo - encontrada na EEEFM "Primo Bitti". No que diz respeito à própria escola referida, pesquisamos sua formação cronológica, seus aspectos pedagógicos, o público atendido por ela, o quadro de professores e outros caracteres administrativos referentes a estes pontos.

Os dados apresentados e desenvolvidos no cerne do presente estudo, deu-se por meio de questionários e atividades cuja finalidade foi delinear tanto o aspecto subjetivo, no que diz respeito à particularidade do aluno, do próprio professor e da visão que estes tinham a respeito da inserção da linguagem virtual no meio escolar, como no aspecto objetivo, que consistem nas atividades propostas aos alunos. A partir do material coletado, foi possível analisar a utilização, observando sobretudo os níveis de frequência e naturalidade com que a linguagem virtual se apresenta na escrita dos estudantes envolvidos na pesquisa.

Após analisado o material resultante da pesquisa, verificamos que há uma concordância geral entre as professoras de que a linguagem virtual está, de fato, presente no cotidiano escolar e nas produções acadêmicas dos alunos, em níveis variáveis. Entretanto, as opiniões se divergem quando a legitimidade da utilização deste tipo de linguagem é questionada. Das 3 professoras participantes da pesquisa, uma delas acredita que a linguagem virtual deva ser trabalhada conjuntamente à norma culta da língua, já que faz parte do cotidiano do próprio indivíduo, sendo reflexo de sua expressão particular, e de igual modo, caractere integrador de sua personalidade. Assim sendo, defende ainda que é papel da própria instituição de ensino se adequar a esta nova linguagem, com vistas a não agir como meio repressivo da subjetividade do indivíduo. Por outro lado, outra professora defende que, apesar da importância e do caráter individual contido no uso da linguagem virtual, esta deve ser aceitável, porém limitada. Ainda sugere que esta limitação deve ser feita pelo próprio professor, que tem a responsabilidade de demarcar os limites de sua utilização nas atividades escolares. Em última instância, também há a professora que defende que a linguagem virtual não deve ser utilizada nos conteúdos acadêmicos, prezando pelo uso formal da língua.

Por parte dos alunos, verificamos que, apesar de estarem familiarizados com a linguagem virtual, entendem, que sua utilização é inviável quando as atividades escolares demandam mais formalidades, como em redações e produções textuais que podem acarretar algum prejuízo acadêmico. Em contrapartida, quando entendem que as atividades propostas não se revestem de requisitos formais, utilizam, deliberadamente, a linguagem virtual.

Comparando as duas modalidades de ensino, não houve diferenças consideráveis quanto ao uso da linguagem virtual em atividades escolares, mesmo que elas atendam a públicos distintos. A turma da EJA, tendo características de pessoas adultas, ainda que jovens, com responsabilidades definidas como trabalho e família já adquirida, apresentaram similar acesso a redes sociais e aplicativos de relacionamento veiculados pela *internet* e, de semelhante modo, se mostraram adeptos da utilização da linguagem virtual em atividades escritas.

Por fim, afirmamos que este estudo nos esclareceu que a linguagem virtual precisa ser vista como parte integrante da vida dos estudantes e que nós enquanto educadores devemos enxergá-la como uma realidade viva e presente, seja na vida acadêmica ou na vida social do aluno. Mesmo que nas atividades vistas pelos estudantes como mais formais eles não tenham utilizado a linguagem virtual, precisamos nos atentar neste aspecto, porque a tendência é que inserção desta forma comunicativa se infiltre à norma culta da Língua Portuguesa, podendo, futuramente, comprometer o ensino e a aprendizagem da língua-padrão, forma de comunicação do meio social, comercial, político, jurídico e de todas as esferas comunicativas nas quais estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **Informática e Formação de Professores**. Brasília: Ministério da Educação – Seed, 2000

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?: Um convite à pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

BELLAN, Zezina Soares. **Andragogia em ação: Como ensinar adultos sem se tornar maçante**. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP, 2005

BILAC, Olavo. **Profissão de fé**, 1888. Disponível em <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/OlavoBilac/profissaodefe.htm>. Acesso em: 20 set. 2015

BRASIL. **Guia do Investidor**. Aracruz, 2014

_____. **Censo escolar**. 2014. Disponível em http://www.qedu.org.br/escola/165826-eeefm-primo-bitti/censo-escolar?year=2014&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=. Acesso em: 22 set. 2015.

CERVO, Larissa Montagner. **Língua, patrimônio nosso**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul. 2012

CHIAPPINI, Ligia; CITELLI, Adilson. **Outras linguagens na escola**. São Paulo: Cortez, 2000

COUTINHO, José Maria. **Uma história do povo de Aracruz**. Aracruz, ES: Reitem, 2006. 1v

CYRANKA, Luiza F. Mendonça; SCAFUTTO, Maria Luiza. **Educação Linguística: Para além da “Língua-Padrão”**, 2011. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Educa%C3%A7%C3%A3o-linguistica1.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

DEFLEUER, Melvin Lawrence; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias de Comunicação de Massa**. Tradução da 5 ed. norte-americana Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

FALCÃO, Sabrina Beffa. **Linguagem da internet: do virtual para o não-virtual**, 2008. Disponível em http://www.fsma.edu.br/esfera/Artigos/Artigo_Sabrina.pdf. Acesso em: 23 mar. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Parábola, 2002. p. 37-61.

FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 17ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FINDES. **Caminhos para o Desenvolvimento Regional: Aracruz e Região**. Publicação do Sistema Findes, 2014.

GAMBARATO, Renira Rampazzo. **Signo, significação, representação**. 2005, Disponível em http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_18_ReniraRam.pdf. Acesso em: 11 set. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 5. Ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

INCAPER. **Programa De Assistência Técnica E Extensão Rural Proater 2011 – 2013**: Aracruz, 2011. Disponível em <http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Nordeste/Aracruz.pdf>. Acesso em: 22 set. 2015

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Espírito santo**: Aracruz. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=320060&search=espírito-santo|aracruz|infograficos:-informacoes-completas> Acesso em: 20 set. 2015.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2001

MATTOS, Franciele Godoy de. **O ensino da Língua-Padrão e Novas Concepções no Processo de Ensino-Aprendizagem**, 2008. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-da-lingua-padrao-e-novas-concepcoes-no-processo-de-ensino-aprendizagem/6115/#ixzz3mNkqvhJ9>. Acesso em: 10 set. 2015

MEDINA, Luiza Bressanelli. **Coqueiral de Aracruz: Histórias que contam a História**. Vitória, 2013.

MICHAELIS. Dicionário online. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?palavra=virtual> Acesso em: 17 set. 2015

NOVAES, Luiz Carlos. **Contratos temporários de docentes prejudicam desempenho dos alunos**, 2013. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/05/08/contratos-temporarios-de-docentes-prejudicam-desempenho-dos-alunos.htm>. Acesso em: 25 set. 2015.

OLIVEIRA, Maria Engel de. **Orkut: O impacto da realidade na infidelidade Virtual**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Susana Maria Ribeiro de. **Comunicação Não-Verbal** – Estratégia de Ensino da Língua Estrangeira – Espanhol. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto – Faculdade de Letras. Portugal, 2013.

OSTIORE. **Erros de português, ortografia e gramática, na web**, 2011. Disponível em <http://www.gentequepensa.com.br/erros-de-portugues-ortografia-e-gramatica-na-web/>. Acesso em: 10 nov. 2015

PESTANA, Gui Duarte Meira. **Comunicação verbal**, 2006. Disponível em <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=156&doc=11595>. Acesso em: 16 set. 2015

RIBAS, Elisângela. et al. **A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes**, 2007. Disponível em <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2015

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo: Scipione, 1996

SANTAELA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983

SEDU. **Projeto Político Pedagógico da EEEFM “Primo Bitti” 2014/2015**. Aracruz, 2014.

SILVA, Antônio Carlos da. **As teorias do signo e as significações lingüísticas**, 2003. Disponível em <http://www.partes.com.br/ed39/teoriasignosreflexaoed39.htm>. Acesso em: 18 set. 2015.

SILVA, Flávia B.da; CASSIANI, Sílvia Helena de B.; ZEM-MASCARENHAS, Sílvia Helena. **A internet e a enfermagem: construção de um site sobre administração de medicamentos**, 2001 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n1/11539> . Acesso em: 17 set. 2015.

SOBROZA, LIDIANE SCHLOTEFELDT. **Escola x Língua-Padrão, Ideologia e Preconceito Lingüístico**, 2007. Disponível em http://jararaca.ufsm.br/websites/I&c/download/Artigos/07_L&C_1S/L&C1s07_Lidiane.pdf. Acesso em: 17 set. de 2015.

SOUZA, Luciene Pinheiro de. **A interferência da linguagem de chats e fotologs na produção de textos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos de Goytacazes, RJ, 2007.

TADDEI, Angela Maria Soares Mendes. **Memória social, museus e patrimônios: novas construções de sentido e experiências de transdisciplinaridade**, 2011. Disponível em http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8056&Itemid=76. Acesso em: 17 set. 2015.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **O estudo científico da comunicação: avanços teóricos e metodológicos ensejados pela escola latino-americana**, 2001. Disponível em

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/artigo%206-3.htm>. Acesso em: 15 set. 2015

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de Pesquisa**. Rio de Janeiro: SOCERJ, 2007

YIN, Roberto K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 5ª ed. Rio Grande do Sul: Bookman, 2015.

**APÊNDICE A – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA À
EEEFM “PRIMO BITTI”**

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Prezada Diretora,

Eu, Lidiane de Lima Souza Milagres, aluna do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, pela Faculdade Vale do Cricaré, solicito vossa autorização para realizar uma pesquisa com alunos do Ensino Médio e com os professores que atuam com Língua Portuguesa nesta renomada escola, que será utilizada como fonte para elaboração da dissertação, cujo tema é: Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES. Todos os dados serão tratados com ética e compromisso, somente sendo utilizados para fins acadêmicos.

Atenciosamente,

Lidiane de Lima Souza Milagres

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA À EEEFM “PRIMO BITTI”**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, Lucineia da Penha Alves Grugiki, diretora da EEEFM “Primo Bitti”, autorizo Lidiane de Lima Souza Milagres, aluna do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, pela Faculdade Vale do Cricaré, a fazer uma pesquisa com os alunos do Ensino Médio desta escola para elaboração da dissertação, cujo tema é: Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES.

Coqueiral de Aracruz, 21 de Setembro de 2015.

Lucineia da Penha Alves Grugiki
Direção

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

PESQUISA COM OS ALUNOS DOS 3^{os} ANOS DA EEEFM “PRIMO BITTI”		
<p>Prezado(a) aluno(a),</p> <p>Lidiane de Lima Souza Milagres, aluna do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, pela Faculdade Vale do Cricaré, vem pedir sua colaboração respondendo este questionário que será utilizado como fonte de pesquisa para elaboração da dissertação, cujo tema é: Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES. A sua participação é muito importante. Todos os dados serão tratados com ética e compromisso, somente sendo utilizados para fins acadêmicos.</p> <p style="text-align: center;">Desde já, agradeço a sua colaboração! Lidiane de Lima Souza Milagres</p>		
1- Em qual modalidade você estuda?	<input type="checkbox"/> Eja <input type="checkbox"/> Regular	
2- Onde você mora?	<input type="checkbox"/> Aldeia indígena <input type="checkbox"/> Coqueiral <input type="checkbox"/> Praia dos Padres <input type="checkbox"/> Praia do Sauê <input type="checkbox"/> Mar Azul <input type="checkbox"/> Putiri <input type="checkbox"/> Rio Preto	<input type="checkbox"/> Barra do Sahy <input type="checkbox"/> Pedrinhas <input type="checkbox"/> Itaparica <input type="checkbox"/> Santa Cruz <input type="checkbox"/> Nova Santa Cruz <input type="checkbox"/> Balsa <input type="checkbox"/> São Francisco <input type="checkbox"/> Praia Grande
3- Você tem e utiliza redes sociais?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
4- Você tem e utiliza aplicativo de relacionamento?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
5- Qual a sua idade?	<input type="checkbox"/> 16 a 19 anos <input type="checkbox"/> 20 a 23 anos <input type="checkbox"/> 24 a 27 anos <input type="checkbox"/> 28 a 31 anos <input type="checkbox"/> 32 a 35 anos	<input type="checkbox"/> 36 a 39 anos <input type="checkbox"/> 40 a 43 anos <input type="checkbox"/> 44 a 47 anos <input type="checkbox"/> 48 a 51 anos <input type="checkbox"/> Acima de 51 anos
6- Você trabalha de forma remunerada?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
7- Qual é a forma de comunicação que você mais utiliza?	<input type="checkbox"/> Comunicação verbal /oral <input type="checkbox"/> Comunicação virtual <input type="checkbox"/> Comunicação por meio da língua-padrão <input type="checkbox"/> Outra. Especifique:	
8- Você considera que a comunicação por meio da linguagem virtual te ajuda nas atividades escolares?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
9- Qual sua opinião sobre comunicação virtual?	<input type="checkbox"/> Ótima <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Razoável	<input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Não utilizo
10- Quanto tempo diário você utiliza a comunicação virtual?	<input type="checkbox"/> Menos de 1h <input type="checkbox"/> 1h a 3h por dia <input type="checkbox"/> 4h a 6h por dia <input type="checkbox"/> 7h a 9h por dia	<input type="checkbox"/> 10h a 12h por dia <input type="checkbox"/> 13h a 15h por dia <input type="checkbox"/> 16h a 18h por dia

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES ENVOLVIDOS NA PESQUISA

Pesquisa com os Professores dos 3^{os} anos da EEEFM “Primo Bitti”	
<p>Prezado(a) professor(a),</p> <p>Lidiane de Lima Souza Milagres, aluna do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, pela Faculdade Vale do Cricaré, vem pedir sua colaboração respondendo este questionário que será utilizado como fonte de pesquisa para elaboração da dissertação, cujo tema é: Influência da Linguagem Virtual na norma padrão da Língua Portuguesa nos 3^{os} Anos do Ensino Médio Regular e 3^a Etapa EJA da EEEFM “Primo Bitti” – Aracruz/ES. A sua participação é muito importante. Todos os dados serão tratados com ética e compromisso, somente sendo utilizados para fins acadêmicos.</p> <p style="text-align: center;">Desde já agradeço a sua colaboração!</p> <p style="text-align: center;">Lidiane de Lima Souza Milagres</p>	
1- Em qual modalidade você atua?	<input type="checkbox"/> Eja <input type="checkbox"/> Regular
2- Você tem e utiliza algum aplicativo de relacionamento e/ou rede social?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
3- Qual a sua idade?	<input type="checkbox"/> 28 a 31 anos <input type="checkbox"/> 32 a 35 anos <input type="checkbox"/> 36 a 39 anos <input type="checkbox"/> 40 a 43 anos <input type="checkbox"/> 44 a 47 anos <input type="checkbox"/> 48 a 51 anos <input type="checkbox"/> Acima de 51 anos
4- Qual sua maior formação?	<input type="checkbox"/> Graduação <input type="checkbox"/> Pós Graduação Lato Sensu <input type="checkbox"/> Pós Graduação Stricto Sensu
5- Qual é o seu vínculo com a escola?	<input type="checkbox"/> Professor Efetivo <input type="checkbox"/> Professor Contratado
6- Em sua percepção, a utilização da internet em redes sociais e aplicativos podem refletir na escrita? Justifique	

7- Você percebe que os seus alunos utilizam a linguagem virtual em suas atividades escolares? Se sim, em que tipo de atividade isto é mais comum acontecer? Relate, por favor.

8- Você considera que o uso da linguagem virtual em meio a atividades que exijam a norma culta da Língua Portuguesa pode prejudicar o rendimento do aluno? Justifique.

9- Como você avalia a linguagem virtual em comparação à norma culta da Língua Portuguesa?

10 - Caso tenha algo a relatar sobre este tema enquanto professor, favor deixar aqui a sua contribuição.